

**EM TUDO  
AMAR E SERVIR**

**Henrique de Ossó** – *A Força do Sacerdócio*

Card. Marcelo G. Martin

**Amar Sempre** – *Vida de Santa Rafaela Maria do S. Coração*

Imaculada Yañez, a.c.i.

**Uma Flor na Igreja** – *Madre Trindade*

**Mãe da África** – *Vida de Teresa Ledochowska*

M. Winowska

**Paula Frassinetti** – «*Em bicos de pés*»

Rosa Rosseto

**Audácia e Serviço** – *Vida de Luiza Andaluz*

Dário Pedroso

**Rasgos Espirituais de Santa Vicenta Maria**

Maria Teresa de J. Canós

**Caminho de Amor** – *Vicenta Maria López y Vicuña*

Concepcion Notário, R.M.I.

**A Força da Fé** – *Itinerário Espiritual de Luísa Teresa de Montaignac*

Phillipe Ferlay

**Em Tudo Amar e Servir** – *Vida de Santo Inácio de Loiola* (2ª ed.)

Dário Pedroso, S.J.

**S. João de Deus em Verso Livre**

Nuno Filipe, O. H.

**Uma Vida para a Eucaristia**

José Luis G. García

**Caminhos do Espírito** – *Duas vidas, um projecto missionário*

Agostinho Tavares, C.S.Sp.

**Duas Vidas, Uma Obra** – *Cón. Adão Salgado e Ir. Maria Rosa Campos*

Dário Pedroso, S.J.

**Arnaldo Janssen** – *Cativado e enviado pelo Espírito*

Jakob Reuter, S.V.D.

**Uma Vida para Todos** – *Padre Jean Gailhac*

Margarida Maria Gonçalves, R.S.C.M.

**Força e Liberdade** – *Appolonie Cure*

Margarida Maria Gonçalves, R.S.C.M.

**São João Eudes (1601-1680)**

Paul Milcent / Jacques Venard

**Somente Amei** – *Santa Maria Eufrásia, Fundadora das Irmãs do Bom*

*Pastor*

Charlotte Gill, R.B.P.

**Inácio de Loiola** – *A Aventura de um Cristão*

Ignacio Tellechea Idígoras

*Dário Pedroso, S.J.*

**EM TUDO  
AMAR E SERVIR**

*Vida de  
Santo Inácio de Loiola*

2ª edição, revista



**Editorial A. O. – Braga**

Na Capa: Santo Inácio. Pintura de Monserrat Gudiol.  
Cova de Manresa – Barcelona.

Capa: *Virgílio Cunha* – Editorial A. O.

Paginação: *Editorial A. O. – Braga*

Impressão  
e Acabamentos: *Fabigráfica* – Pousa Barcelos

Depósito Legal nº 264978/07

ISBN 978-972-39-0230-3

2ª edição Outubro de 2007

*Com todas as licenças necessárias*



©  
**SECRETARIADO NACIONAL  
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Largo das Teresinhas, 5 – 4714-504 BRAGA  
Tel.: 253 201 220 \* Fax: 253 201 221

livros@snao.pt; www.jesuitas.pt/ao

## APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO

*Santo Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus, é um santo pouco favorecido na devoção popular. No entanto, a sua influência na vida da Igreja e mesmo na história da humanidade foi e é enorme, se atendermos aos milhões de pessoas que, em todo o mundo, já fizeram os Exercícios Espirituais segundo o modelo por ele criado, e ao papel imenso que a Ordem por ele fundada desempenhou e continua a desempenhar, nos cinco continentes.*

*Esta breve biografia foi escrita e publicada por ocasião do ano jubilar assinalando os 500 anos do nascimento de Santo Inácio e os 450 anos da fundação da Companhia de Jesus (1990-1991). Nesta 2ª edição, todo o texto foi revisto e o capítulo final foi actualizado, tendo em conta a realidade da Companhia de Jesus, hoje. Optámos por conservar sem alterações a Apresentação escrita pelo P. Manuel Morujão para a 1ª edição, preservando assim a sua originalidade.*

Os Editores



## APRESENTAÇÃO

**D**iz-me com quem andas e dir-te-ei quem és. *É uma justa afirmação da sabedoria popular. Nós vamos passando a ser aqueles de quem nos tornamos amigos. Ou nos rebaixamos e pervertemos, no caso de um mau amigo. Ou nos promovemos e melhoramos a nossa qualidade de vida, quando se trata de um amigo bom, são e santo.*

*Assistimos hoje, felizmente, a uma redescoberta do valor da vida dos santos. Ultrapassados estão os tempos em que se romanceava a sua vida em tons tão angelicais que os santos se tornavam quase seres extra-terrestres, fazendo parte de um museu de heróis do divino, mas inacessíveis à imitação da nossa frágil condição humana.*

*A Igreja dos nossos dias recomenda vivamente aos seus fiéis o culto dos santos: o recurso à sua intercessão por nós junto de Deus e a abertura aos seus exemplos de vida. Assim nos recorda o Concílio Vaticano II: «É, portanto, muito justo que amemos estes amigos*

*co-herdeiros de Jesus Cristo, nossos irmãos e grandes benfeitores», pois eles são «exemplo que nos entusiasma» a chegar a uma vida mais perfeita de santidade (L.G., 50-51).*

*O presente livro fala-nos da vida e obra de Santo Inácio de Loiola. É um santo pouco conhecido entre nós, mas que teve um papel de grande relevo na história do seu tempo (século XVI). O seu influxo tem perdurado bem vivo até aos nossos dias, sobretudo através dos Exercícios Espirituais (Retiros) do qual foi o autor; e através da Companhia de Jesus, Ordem religiosa que ele fundou «para a maior glória de Deus» e «maior serviço do próximo». Hoje conta com cerca de 25 mil membros, os «Jesuítas», espalhados pelos 5 continentes, em mais de uma centena de países.*

*É belo considerar que muitos discípulos de Inácio de Loiola são mais conhecidos que o seu mestre espiritual e fundador. Quem não ouviu falar de S. Francisco Xavier, S. João de Brito, do Padre António Vieira ou do «santo» Padre Cruz? Todos estes são jesuítas, membros da Companhia de Jesus que Santo Inácio fundou.*

*Pode estar seguro de que não se vai cansar ao ler este livro. O estilo acessível, vivo, cativante do Autor prender-lhe-á a atenção. Cada ponto final é uma ponte para*



## *Apresentação*

*o parágrafo que está em frente. Cada capítulo tem a forma de uma rampa de lançamento para o seguinte.*

*Sem em nada ofender o rigor histórico, este livro está escrito com o coração. Sente-se que Dário Pedroso está a falar de um amigo, de uma pessoa querida da família, de um pai espiritual. Não é verdade que só o amor é a porta aberta para o conhecimento em profundidade? Em linguagem bíblica conhecer por dentro significa amar em cheio.*

*O título do livro «Em tudo amar e servir» é uma legenda bem ajustada ao quadro de vida de Santo Inácio, do qual vamos celebrar, em breve, o 500º aniversário do seu nascimento. Um homem seduzido pelas glórias e vaidades do mundo, mas que deu à sua vida uma reviravolta de conversão salvadora, quando já tinha 30 anos. Aos poucos foi aprendendo a arte de «em tudo amar e servir», e dela se tornou um mestre insigne.*

*A leitura da vida dos santos teve um papel providencial de relevo na conversão de Inácio. Faça votos para que a leitura desta sua vida seja também uma ocasião providencial de melhoria da nossa qualidade de vida humana e espiritual. Se assim aconteceu com Inácio de Loiola, porque não há-de acontecer comigo?*

*Manuel Morujão, S.J.*



## INTRODUÇÃO

É verdade. Inácio de Loiola é um personagem muito pouco conhecido entre nós. Não é um «santo popular», não é daqueles a quem se fazem muitas promessas, de quem há muitas imagens e é venerado nas nossas procissões.

Muitos até o conhecem só por ressonâncias negativas ligadas a situações históricas, sobretudo em épocas concretas, da Ordem religiosa que fundou. Todos sabem que os Jesuítas foram expulsos de Portugal pelo Marquês de Pombal e que, na implantação da República, em 1910, voltaram a ser maltratados, expoliados e expulsos. Conhecem-se mais histórias, por vezes caluniosas, sobre os «filhos de Santo Inácio» do que a personalidade e a vida do seu Fundador.

Talvez muitos dos que contactam e conhecem os Jesuítas quase nada saibam de Santo Inácio. Muitos dos que pertencem a paróquias orientadas por sacerdotes jesuítas afirmam conhecer pouco o Fun-

dador da Companhia de Jesus. Muitos dos familiares dos próprios Jesuítas pouco ou nada conhecem sobre Inácio de Loiola. «Quem és tu, Inácio de Loiola?» Quem foi este grande homem, quais os rasgos desta personalidade? Que importância teve na vida da Igreja, que riqueza espiritual lhe trouxe? Que influência teve no desenvolvimento da acção missionária? Que serviço eclesial foi tendo ao longo de 450 anos a Ordem religiosa fundada por Inácio? Que vitalidade se continua a ir receber à vida de Inácio, ao livro dos *Exercícios Espirituais* escrito por ele? Qual a razão pela qual a personalidade audaz de Santo Inácio atraiu, ao longo de quatro séculos e meio, tantos seguidores? Por que está vivo ainda Inácio em tantos lugares do mundo, onde 25.000 Jesuítas trabalham, rezam e servem a Igreja e a humanidade?

## O HOMEM QUE CRESCE

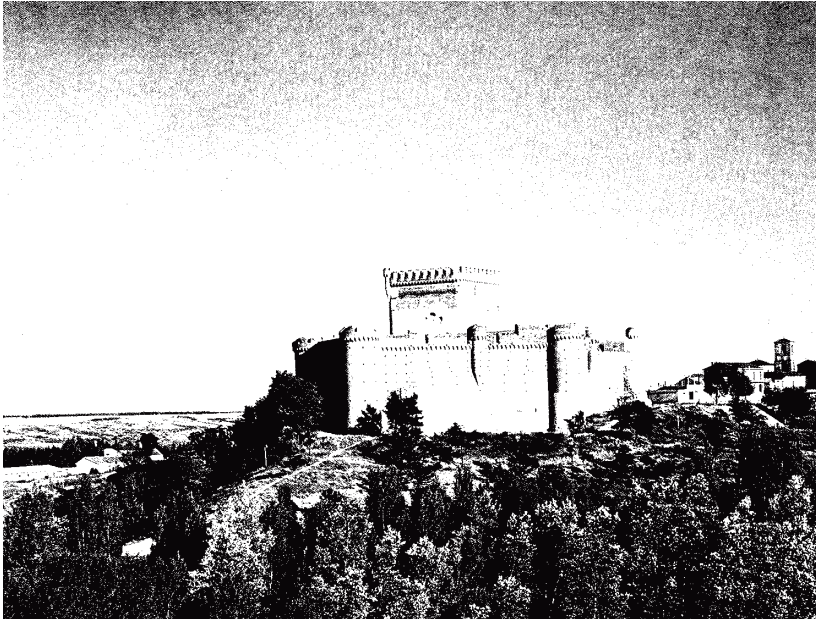
**I**nácio Ibáñez de Loiola nasceu no ano da graça de 1491, no solar da família de Loiola, na província de Guipúzcoa, em Espanha. O mais novo de 13 irmãos, Inácio era filho de D. Beltrão Ibañez de Oñaz e Loiola e de D. Marina de Licona e Balda, ambos de nobre linhagem, de grandes princípios cristãos e ricos de bens materiais.

Pouco sabemos da infância do «benjamim» da família Loiola, mas pelas narrações que ele próprio fará mais tarde, podemos supor que os começos foram anos onde a educação cristã e a linhagem fidalga iam tecendo a nobre personagem de Inácio. A vida no solar de Loiola, a amizade e convívio com outras famílias iam dando a Inácio a possibilidade de crescer num ambiente humano e cristão. E, sendo o mais novo da família, não lhe faltaram, sem dúvida, atenções, carinhos, dedicação dos pais e irmãos mais velhos.

Tinha Inácio cerca de 15 anos, quando, em 1506, o tesoureiro-mor dos Reis Católicos, Fernando e Isabel, conseguiu que os pais o deixassem partir, como seu pagem, para Arévalo, perto de Ávila. Aí, o contador-mor, João Velázquez de Cuéllar, procurou educar Inácio com os requisitos da sua nobre posição e saber.

Foram anos de grande aprendizagem para Inácio, que sonhava com um futuro de nobre cavaleiro. Muitas vezes, como pagem do contador-mor, viveu na corte onde conheceu e conviveu com a mais elevada nobreza de Espanha. Quer aí, quer em Arévalo, teve Inácio imensas ocasiões de vida mundana, de festas e namoros, sonhos de prometedores e ricos casamentos. Tudo lhe sorria e o levava até a comportamentos menos dignos e menos cristãos. No meio da alta nobreza, com uma vida fácil e por vezes bem mundana, não admira que Inácio se deixasse apaixonar por damas ilustres e tivesse procedimentos que mais tarde lhe custariam muitas lágrimas de arrependimento.

Espanha vive tempos áureos de pujança económica, de desenvolvimento e conquistas no estrangeiro. Riqueza, triunfalismo, sonhos de cavalaria, vaidades e luxos são os ideais do jovem Inácio ao



longo destes belos e risonhos anos de juventude. Circulavam entre os nobres os célebres romances de cavalaria que iam povoando o interior de Inácio de sonhos desmedidos, de lutas e vitórias, forjando nele uma alma de guerreiro, um coração brioso de cavaleiro, uma personalidade audaciosa e lutadora.

Em 1517, tinha Inácio 26 anos, morre o fidalgo João Velázquez de Cuéllar, contador-mor dos Reis. Inácio despede-se da família e começa nova aventura, dando ocasião a pôr em prática os seus sonhos de audaz cavaleiro.





## O CAVALEIRO QUE SE AFIRMA

**T**odo o fogo audacioso de Inácio, todos os sonhos de cavalaria vão ser colocados ao serviço do vice-rei de Navarra, o duque de Nájera, D. António Manrique de Lara. Inácio é recebido com a categoria de «gentil homem», ou seja, como nobre ao serviço do vice-rei e, em Pamplona, vai ter ocasião de mostrar os seus méritos.

O exercício de funções junto do Vice-Rei de Navarra dá a Inácio possibilidades únicas de contactos com fidalgos, com o luxo da alta nobreza, com ocasiões de sedução e prazer. Mas o seu interior vibra com o ideal de cavaleiro lutador, e a sua forte e destemida personalidade, tão pouco conhecedora do que era a cobardia ou o medo, levam-no a ter ânsias de batalhas e de vitórias. Já é homem com quase 30 anos e, porventura, com sonhos de casamento e com experiências de vida fidalga que lhe trariam futuro promissor.

A audácia de Inácio vai ser posta à prova. Os franceses andavam em luta contra o vice-rei de Navarra. Estamos em Maio de 1521 e Inácio tem 30 anos de idade. Pamplona é cercada e atacada pelas tropas francesas. Estas conseguem entrar na cidade mas encontram resistência na fortaleza interior que não se rendia ao adversário. Inácio, com toda a sua coragem, é a alma da resistência. Anima os companheiros, luta a seu lado, está disposto a morrer, mas não se entrega. Vê a morte muito perto e o seu coração de cristão pensa em Deus, reza e faz confissão da sua vida a um companheiro de armas. A luta torna-se cada vez mais intensa, mas Inácio, valente guerreiro, não se dá por vencido.

Após vários dias de combate, a 20 de Maio desse ano de 1521, uma bala fere Inácio e parte-lhe a perna direita. Sem ele, sem o seu ânimo corajoso, os companheiros cedem e entregam a cidadela ao inimigo. Os franceses não deixaram de prestar homenagem à valentia do ilustre fidalgo ferido. Têm para com ele atenções especiais. Cuidando-lhe das feridas, tratam-no com cortesia, pois sentem por ele imensa admiração. Conduzem-no depois em liteira até Loiola, ao solar da família, para poder ser tratado de modo mais conveniente e cuidadoso.

Os caminhos de Deus, sempre insondáveis, trazem Inácio, com 30 anos e ferido, à casa paterna, para aí a graça do Espírito o trabalhar interiormente. Já lá vão quase 16 anos que saiu para Arévalo como pagem do contador-mor. Durante estes longos anos foi posto à prova, tentado de muitos modos e, como ele próprio dirá, fez tais asneiras que chegou a ser processado. Nem sempre a vida foi exemplar. Não foi sempre, ao longo destes anos, um piedoso e santo cristão, bem pelo contrário...

Chega a Loiola ferido, exausto e humilhado. Os médicos, ao examinarem a perna, verificam que a união dos ossos feita em Pamplona não fora acertada. Foi necessário recomeçá-la de novo, fazendo passar Inácio por grandes sofrimentos e dores. O próprio Inácio contará o seguinte na sua *Autobiografia*: «Os médicos e cirurgiões, vindos de muitas partes, consideravam que a perna devia ser outra vez desconcertada, e porem-se novamente os ossos nos seus lugares, dizendo que, por terem sido mal postos nos seus lugares, assim ela não podia sarar. E fez-se de novo a carniçaria; na qual, como em todas as outras por que tinha passado antes e passou depois, nunca disse palavra, nem mostrou outro sinal de dor, senão apertar muito os punhos».



O estado do doente parecia piorar cada vez mais. Apesar da fortaleza do fidalgo e da energia dos seus 30 anos, a doença, a febre, as dores levaram-no a um estado tão grave que a morte parecia iminente. Prepara-se para morrer, recebe a Unção dos doentes, pois quer estar pronto para se apresentar diante de Deus. Quer os familiares quer ele próprio iam rezando e suplicando a graça da cura.

Inácio, que tinha particular devoção a S. Pedro, como Príncipe dos Apóstolos, reza-lhe com devoção. E na vigília da festa, a 28 de Junho, durante a noite, e depois de longa oração e da particular presença e auxílio de S. Pedro, começam a surgir algumas melhoras. Inácio não morreria desta doença; viveria ainda mais 32 anos, que seriam dedicados a servir Jesus Cristo e a Igreja de que S. Pedro tinha sido o primeiro Pontífice. À graça desta cura se deve, sem dúvida, o amor de Inácio à Igreja e aos Pedros de todos os tempos, os sucessivos Pontífices.

Apesar dos cuidados dos médicos, os ossos, ao soldarem-se, ficaram um pouco encavalados e, abaixo do joelho, formaram uma saliência, tornando a perna mais curta e impedindo Inácio de usar, como era seu gosto, uma bota justa e elegante. O doente não se conformou com tal situação e perguntou ao

médico se era possível nova intervenção cirúrgica. Este disse-lhe que sim, mas preveniu-o de que as dores seriam muitas. Inácio, por desejo de elegância e bem parecer, optou por se submeter a nova operação e sobre isso afirmou:

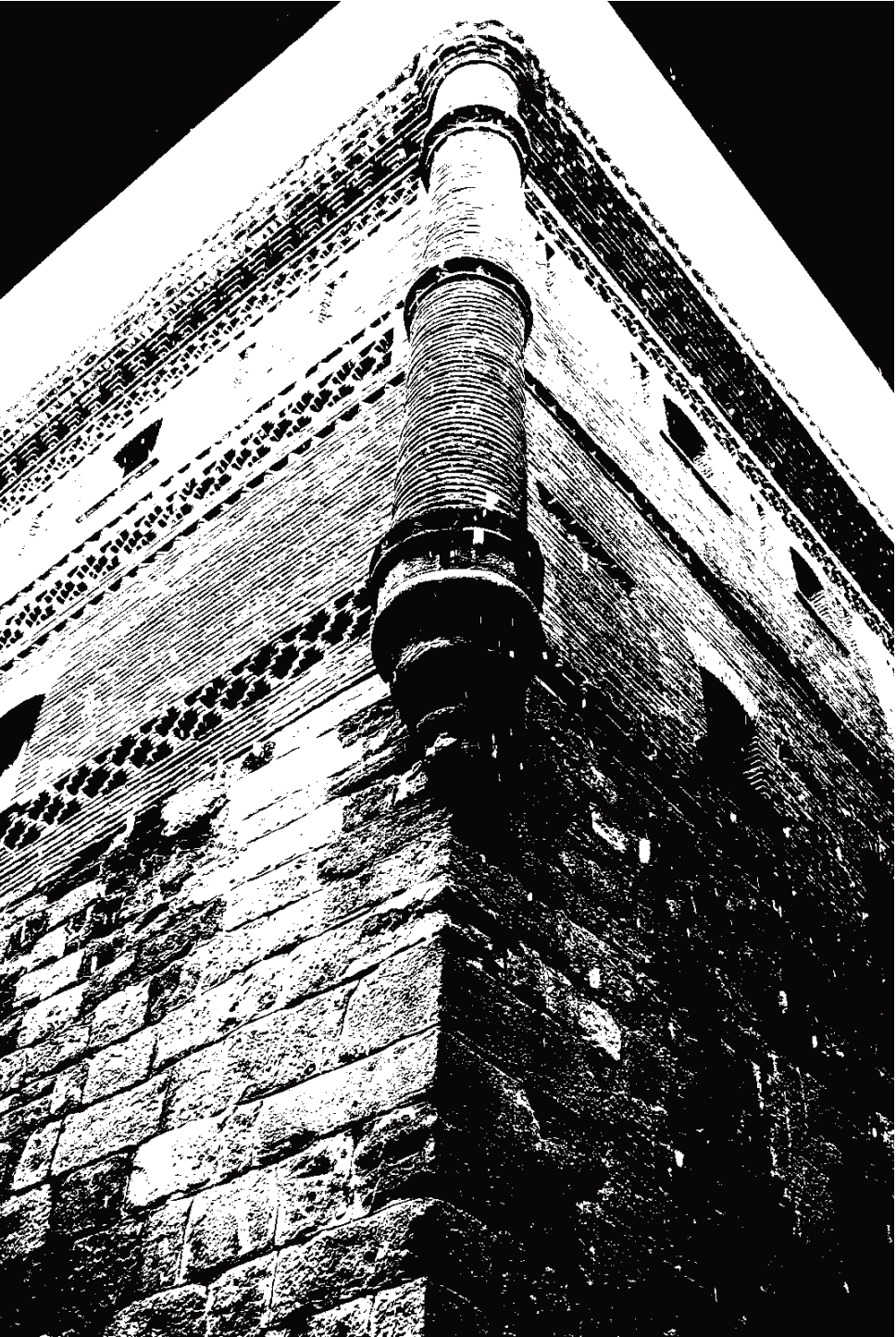
«E no entanto ele decidiu martirizar-se por seu próprio gosto, embora seu irmão mais velho se espantasse e dissesse que tal dor ele não se atreveria a sofrer; a qual o ferido sofreu com insólita paciência. E cortada a carne e o osso que ali sobravam, procurou-se usar remédios para que a perna não ficasse curta, dando-lhe muitas untaduras, e estendendo-a continuamente com instrumentos que durante muitos dias o martirizaram. Mas Nosso Senhor foi-lhe dando saúde».

## O CRISTÃO QUE SE CONVERTE

A intervenção de Deus na cura de Inácio não o fez santo de uma só vez. Ficou ainda muito mundano ou, como ele diria mais tarde, de «afectos desordenados». Havia nele um cristão a converter, um santo a construir. O trabalho de Deus, a acção do Espírito e a luta de Inácio ainda teriam de ser longos, muito longos mesmo.

A demorada e dolorosa convalescença seria o momento providencial para o Espírito tocar mais de perto o coração de Inácio. Um homem, um fidalgo da sua têmpera, com 30 anos, já tem atrás de si um passado que marca uma vida, uma personalidade. Defeitos de temperamento, hábitos adquiridos, misturados com a nostalgia da guerra, ou dos amores, exigiam uma longa e dura caminhada de conversão.

Para se poder distrair ao longo das semanas e meses de convalescença, ainda imobilizado e de perna estendida, Inácio pediu que lhe dessem li-





vros de cavalaria, onde pudesse ocupar o espírito e encher de sonhos a sua imaginação. Como no solar de Loiola não havia tais livros, os familiares deram-lhe a ler uma *Vida de Cristo* escrita por Ludolfo de Saxónia e outro livro com a *Vida dos Santos*. Estas leituras seriam o meio extraordinário para Deus tocar o coração de Inácio.

É natural, como ele próprio afirmou, que, ao começo, tais leituras fossem feitas com certa indiferença e frieza, pois não eram o que um fidalgo, entregue à vaidade e aos sonhos mundanos, mais desejaria. Mas o seu interior nobre e audacioso, a sua rica personalidade, os seus sentimentos generosos, embora por vezes mal encaminhados, começaram a ser tocados pela graça de Deus à medida que se ia entregando a tão rica leitura. Começava a sentir incendiar-se no seu interior um grande desejo de trabalhar pela glória de Deus e pensava com gosto em imitar os Santos cuja vida estava a ler. Por outro lado, as recordações do passado e os sonhos de vanglória e vaidade, duma vida fidalga, rica e cómoda, travavam dentro dele verdadeira luta. Como diria Santa Teresa de Ávila, sua contemporânea, que também experimentou luta semelhante, Inácio podia afirmar: «O meu interior era um campo de batalha».

A luta por um ideal cristão, elevado e santo, comporta muita renúncia. Os desejos de santidade são bombardeados por desejos mesquinhos, por vezes devaneios de prazeres e de sensualidades. Os apelos de Deus encontram obstáculos na sedução do mundo e do maligno.

Tudo isto foi vivendo Inácio ao longo de semanas e meses, enquanto lia os livros da *Vida de Cristo* e da *Vida dos Santos*.

Leia-se o que ele próprio disse acerca destes extraordinários tempos de graça e de luta, na autobiografia transcrita pelo Padre Luís Gonçalves da Câmara, jesuíta português a quem Inácio contou a sua vida quando, já Superior Geral da Companhia de Jesus, vivia em Roma:

«... gostava muito de ler livros mundanos e fantasistas, que costumam chamar-se “de cavalaria”. Quando se sentiu livre de perigo, pediu que lhe dessem alguns deste género para passar o tempo. Mas não se tendo encontrado naquela casa nenhum desses, deram-lhe a “Vita Christi” e um livro da Vida dos Santos, ambos em vernáculo.

Com a leitura frequente destas obras, começou a ganhar algum gosto pelas coisas que nelas estavam escritas. Mas deixando de as ler, detinha-se a

pensar algumas vezes naquilo que tinha lido e outras nas coisas do mundo em que antes costumava pensar.

Entretanto, Nosso Senhor vinha em seu auxílio, fazendo com que a estes pensamentos se sucedessem outros, sugeridos pelas novas leituras. De facto, lendo a vida de Nosso Senhor e dos Santos, detinha-se a pensar consigo mesmo: “E se eu fizesse como fez S. Francisco e como fez S. Domingos?” E reflectia em muitas coisas destas, durante longo tempo. Mas sobrevinham-lhe depois os pensamentos mundanos de que acima se fala, e também neles se demorava longamente. E esta sucessão de pensamentos durou muito tempo.

Mas havia esta diferença: quando se detinha com os pensamentos mundanos, sentia grande prazer; e logo que, já cansado os deixava, ficava triste e árido de espírito; quando, porém, pensava em seguir os rigores dos santos, não somente sentia consolação enquanto neles pensava, mas também ficava contente e alegre depois de os deixar.

No entanto, não advertia nem considerava esta diferença, até que uma vez se lhe abriram os olhos da alma e começou a admirar-se desta diferença e a reflectir sobre ela; e compreendeu, por experiência

própria, que um género de pensamentos lhe deixava tristeza e outro alegria.

Mais tarde, quando fez os Exercícios Espirituais, foi desta experiência que tomou as primeiras luzes para compreender e ensinar aos irmãos o discernimento de espíritos».

O próprio Inácio descreve a dolorosa luta que teve de travar. Mas o combate terminou quando ele, numa noite, ajoelhando-se diante de uma imagem da Mãe de Deus, tomou a resolução de se entregar todo e para sempre ao serviço de Deus Nosso Senhor. Inácio conta-nos que este acto de generosidade não ficou sem resposta, pois estando, passados dias, em oração, aparece-lhe Nossa Senhora com o menino ao colo e, embora não lhe dissessem nada, Inácio sentiu a particular graça, o dom inestimável de o seu coração ser purificado de qualquer affecto menos puro. Quando o homem resolve dar-se a Deus, o Senhor nunca Se deixa vencer em generosidade. O homem é que tem medo de arriscar, de se dar, de se comprometer, mas quando é capaz de «dar o salto», de dizer sim, o Senhor dá sempre «cem vezes mais».

*O cristão que se converte*

Agradecido por tão insigne dom, logo que começou a poder andar, mesmo a coxear, Inácio ia todos os dias a uma pequena colina, não longe do solar de Loiola, para avistar o Santuário de Nossa Senhora de Olatz e saudar a Virgem rezando a salve rainha. Era o acto generoso e grato do nobre coração do illustre fidalgo.





## O CORAÇÃO QUE SE TRANSFORMA

Inácio sai da convalescença da ferida na perna direita, mas o coração, o interior, foi beneficiado com uma cura mais profunda, mais radical. Se a perna estava curada, apesar de ficar a manquejar para o resto da vida, a alma saiu renovada pela graça, operou-se no seu interior verdadeira transformação. O que anteriormente era motivo de vaidade mundana ou preocupação orgulhosa, deu lugar a ânsias de santidade, a desejo desmedido de entrega a Jesus Cristo. A bala francesa, que o feriu e colocou às portas da morte, fê-lo encontrar Aquele que é a Vida e ao Qual Inácio vai doravante amar com todo o coração.

Restabelecido da doença física, Inácio vai pôr em prática o seu novo projecto de vida. Os sonhos já são outros, os planos já são embebidos da graça de Deus, os projectos já têm conteúdo evangélico. Em Março de 1522, passados dez meses do acidente de

Pamplona, Inácio deixa o solar de Loiola. A família e os amigos parecem querer impedir a execução dos planos, mas a força de Deus, o apelo de Cristo são mais fortes que as raízes e apegos mundanos.

Vai primeiro em peregrinação a Aránzazu visitar o santuário de Nossa Senhora das Vascongadas. Ele sabe bem, com o saber de experiência feito, quanto deve a Maria!

Depois despede-se do duque de Nájera, a quem tinha servido e que durante a sua doença tinha sido tão atento e dedicado. De facto, um dos rasgos do coração de Inácio, o nobre fidalgo, foi sempre a gratidão. Vivê-la-á toda a vida como virtude humana e cristã de alto valor.

Depois de visitar o santuário de Aránzazu parte para Monserrate para, junto da padroeira da Catalunha, descobrir os planos de Deus e dar vida aos seus projectos. Nesta altura, ao longo de tais viagens, já Inácio fazia diariamente muito tempo de oração e se penitenciava com aspereza. O convertido de Loiola quer ser generoso com Deus e recuperar o tempo gasto de um modo tão superficial e mundano. Inácio encontrou o «tesouro» de que fala o Evangelho e, por causa dele, vai despojar-se de tudo. E faz uma extraordinária troca. Movido pelos



nobres sentimentos do seu coração, ao longo desta viagem faz voto de castidade, oferecendo-o a Deus por intermédio da Virgem Maria.

Em Monserrate prepara-se cuidadosamente para fazer uma confissão geral, que demorou vários dias. O monge beneditino que o atendeu e ajudou virá, anos mais tarde, a ser Mestre de Noviços no Mosteiro de Tibães, perto de Braga. A esse monge conta o seu projecto de ir em peregrinação à Terra Santa e dedicar-se à conversão dos infiéis. E para ser consequente com o Evangelho que quer viver e encarnar, oferece ao Mosteiro beneditino de Monserrate a mula em que viera montado e coloca junto do altar da Virgem Maria a sua espada de guerreiro.

A estadia em Monserrate vai ainda ser assinalada por um acto solene, próprio da grandeza de alma de Inácio. Na véspera da festa da Anunciação, 24 de Março de 1522, ao cair da tarde, chamou um pobre mendigo a quem deu os seus vestidos ricos de cavaleiro, vestindo-se de pobre peregrino. Assim vestido, dirigiu-se para junto do altar de Nossa Senhora para fazer a vigília toda a noite. Tinha lido nos livros de cavalaria que os cavaleiros, antes de serem armados, faziam uma noite de velada de armas. Inácio, que doravante quer servir o Rei e Senhor de

todas as coisas, e sua Mãe, Rainha e Senhora, quer fazer uma velada de armas, para se colocar ao serviço do reino de Deus.

Diante do altar de Nossa Senhora passou, pois, toda a noite em oração, oferecendo o seu ser, o seu coração, o seu trabalho e o seu determinado projecto: servir só e sempre o Senhor de todas as coisas, Jesus Cristo, Rei Universal. Implora a protecção de Nossa Senhora, diante do altar a Ela dedicado, pensando no «Sim» que a Virgem deu ao arcanjo no dia da Anunciação.

Na madrugada desse dia, 25 de Março de 1522, Inácio de Loiola, vestido de peregrino e armado cavaleiro de Cristo, participou na Eucaristia e comungou com devoção na Igreja de Monserrate. Iniciava-se deste modo um projecto de vida, uma entrega generosa que nunca mais voltaria atrás. Inácio era doravante o fidalgo convertido em mendigo e peregrino, o nobre que se despoja para imitar e seguir mais de perto o Senhor Jesus.





## O PENITENTE QUE SE PURIFICA

**O**s actos de generosidade são belos, mas só por si não mudam o interior, não chegam para mudar, sobretudo, os gostos, os modos de pensar, os critérios do agir quotidiano.

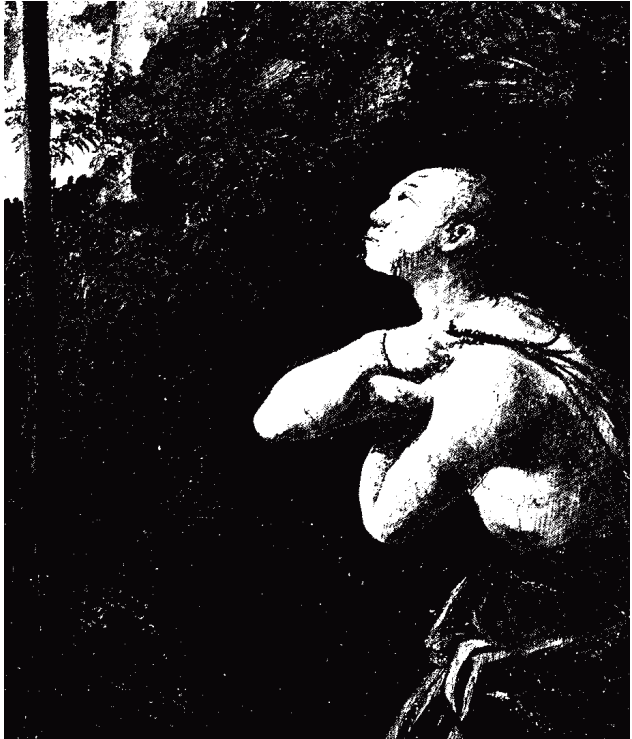
O que se acaba de passar com Inácio não seria «fervorinho» próprio dum convertido, algo de sentimento piedoso ou atitude imponderada e sem seguimento? Sentir-se curado poderia levar a atitudes generosas mas sem consistência interior. Ou, pelo contrário, o que se passava tinha o selo de Deus, brotava da acção misteriosa da graça e estava de acordo com o projecto divino?

De facto, depois da velada de armas e do despojamento exterior, reflexo da pobreza e humildade que já reinavam no coração de Inácio, ao cair da tarde desse memorável dia 25 de Março de 1522, o «peregrino» (doravante é assim que Inácio gosta de se intitular) chegou à pequena cidade de Manresa e

foi acolher-se, como pobre mendigo, no hospital de Santa Luzia, para aí poder dormir e viver de esmolas. Quem conheceu Inácio pagem, cavaleiro e fidalgo, quem o viu na corte ou no solar da família de Loiola, fica surpreso com tal vida e tão grande transformação. Tem dentro do coração um segredo: o amor a Jesus Cristo e o desejo de O imitar.

Manresa vai ser lugar de grandes graças e favores místicos. Inácio, todos os dias, saía do hospital e ia para uma pequena gruta situada fora da cidade. Longe do reboliço do mundo e do barulho, entregava-se a longas horas de oração e a uma vida de grande penitência. Segundo os mais autorizados biógrafos, a vida de Inácio em Manresa foi muitíssimo austera, fazia cerca de sete horas de oração diárias, sempre de joelhos. Três vezes por dia disciplinava-se duramente. Comia do que lhe davam mas sempre que piedosos benfeitores lhe ofereciam algo de melhor – como carne ou peixe – apressava-se a oferecê-lo a outros pobres.

Apesar de ser algo muito raro nesse tempo, Inácio confessava-se e comungava todas as semanas e todos os dias participava na Eucaristia. Tinha particular gosto em ler a Paixão de Cristo e, sempre que podia, participava nas vésperas cantadas. Como ele



próprio dirá mais tarde, apesar de não entender os salmos cantados em latim, sentia muita devoção e elevação interior ao participar no Ofício Divino.

Ainda que para a mentalidade hodierna possa parecer algo um pouco exótico, é bom não deixar de registrar aqui outra dimensão da vida de Inácio nestes longos meses passados em Manresa. Talvez para se mortificar dos exageros das vaidades mundanas e dos cuidados excessivos com a sua pessoa, agora, Inácio deixa crescer o cabelo e trá-lo em desalinho, assim como deixa crescer as unhas e tem consigo muito pouco cuidado. É de verdade um pobre

mendigo, mal vestido, desalinhado, com aspecto de marginal.

Estes meses foram para Inácio de grandes mortificações. Para o seu temperamento altivo, para o seu interior orgulhoso e vaidoso, viver em tal estado, dum modo tão pobre e dependente, com tanta penitência e vida tão dura e austera, significava verdadeira heroicidade. Um dia talvez não fosse difícil, mas semanas e meses seguidos, implicava uma força de vontade enorme e um desejo santo de purificação interior e de verdadeira conversão. Deus, no seu amor imenso, não se deixaria vencer em generosidade.

De facto, as agruras das penitências foram recompensadas por grandes graças e consolações. Segundo aquilo que Inácio deixou escrito na sua autobiografia, foi nesta estadia em Manresa que teve várias vezes a visão de Jesus Cristo e de Nossa Senhora, e recebeu comunicações inefáveis acerca do mistério da Santíssima Trindade. As longas horas de oração eram ocasião de graças místicas e de revelação do Céu. Deus recompensava a generosidade de Inácio e preparava o «peregrino» para grandes obras na vida da Igreja.

No dizer do próprio Inácio, quando já Geral da Companhia de Jesus e com 63 anos de idade, a cé-



*O penitente que se purifica*

lebre visão do Cardoner deu-lhe um conhecimento mais profundo dos mistérios de Deus e da ciência do espírito, do que lhe deram todas as graças juntas do resto da sua vida.

Graças deste género transformam o interior do homem, convertem e mudam a inteligência e a vontade. Deus é possuído e compreendido de um modo inefável. Mas, ao mesmo tempo, Inácio sofre imensas tentações e lutas interiores ao longo da permanência em Manresa, pensando até em suicidar-se. São as podas do Divino agricultor, são as provações, para purificar o interior de Inácio de qualquer apego ou vaidade.

Nesta estadia em Manresa, sob a particular protecção de Nossa Senhora, Inácio começa a escrever o pequeno livro dos «Exercícios Espirituais». Ao longo dos anos irá dar-lhe sucessivas redacções, acrescentos, mudanças. Será o «seu livro», inspirado por Deus, que ao longo de 450 anos tanto bem tem feito em sucessivas gerações, ajudando a viver, na fé e na maturidade evangélicas, milhares e milhares de pessoas de quase todos os países e línguas. Deste pequeno livro falaremos mais adiante.



## O PEREGRINO QUE CAMINHA

Como já dissemos, o próprio Inácio, na sua Autobiografia, gostava de se chamar «o peregrino». Parece ser algo que o identifica. Alguém que «caminha» em busca de Deus, procurando a sua vontade, querendo sempre o melhor, o bem mais universal, a maior glória de Deus, o maior serviço dos homens.

Inácio tinha-se proposto ir à Terra Santa, pois queria conhecer os lugares sagrados e contemplar com os seus olhos os locais onde Jesus nasceu, viveu, pregou, morreu, ressuscitou e subiu ao Céu. Não desejava esta viagem como simples turista. O seu coração de peregrino queria «ver», «contemplar», «sentir», nesses lugares sagrados, Aquele que era doravante a paixão do seu interior: Jesus Cristo.

Em Fevereiro de 1523, deixa Manresa e vai até Barcelona. Os amigos e benfeitores sentem a sua partida e alguns choram de comoção. Inácio tinha-

-lhes conquistado e elevado para Deus o coração, tinha semeado o seu interior de desejos de santidade. Ao ouvi-lo, sentiam-se mais perto de Deus e, por isso, sentiam por ele afecto e veneração.

Em Barcelona, pediu ao capitão duma nau que ia partir para Itália que o levasse de graça. O capitão acedeu ao pedido, mas exigiu que o «peregrino» arranjasse provisões para a viagem. Inácio vai pedir esmolas e consegue o suficiente para a viagem. E, como ele próprio contará, vendo que lhe sobram ainda algumas moedas, abandona-as sobre uma pedra do cais, antes de embarcar. Gesto simples mas heróico, sobretudo se o comparamos com a nossa sede de ter, com a cobiça que se apodera de nós.

A nau levou Inácio a Itália e o «peregrino» vai passar em Roma a Semana Santa, participando com muita devoção nas cerimónias desses dias sagrados. A meados de Abril desse ano de 1523, a pouco mais de um ano da célebre «velada de armas» em Monserrate, partiu de Roma para Veneza e, nesta cidade, conseguiu embarcar para a Palestina, a 14 de Julho.

O «peregrino», que ardia em desejos de rezar e viver na terra de Jesus, sente-se invadido de extraordinária alegria e devoção. Durante mês e meio, foi



quanto durou a sua permanência na Palestina, a sua alma exulta interiormente e reza horas seguidas junto dos lugares santos mais importantes. Medita os mistérios, pensa em Jesus, seu Rei e Senhor, pede a intercessão e protecção da Virgem Maria, deixa-se moldar pela acção do Espírito Santo. E fica de tal modo cativado pelo amor de Deus e encantado com esta experiência, que deseja permanecer aí o resto da vida. Como os lugares santos estavam sob a custódia dos frades Franciscanos, o P. Provincial destes, atendendo às difíceis situações que provocará tal estadia, ordenou a Inácio e aos outros peregrinos que deixassem a Terra Santa. Inácio regressou a Itália, pois viu nessa ordem a vontade de Deus.

Ao relatar a sua permanência na Terra Santa, o «peregrino» regista um pormenor curioso que revela bem a audácia que lhe penetrava o coração. Tinha visitado o lugar onde se diz ter sido a Ascensão de Jesus. Rezou com devoção junto da pedra onde estaria Jesus antes de ser elevado ao Céu e onde, segundo alguns, ainda estão as marcas de seus pés. Terminada a visita, regressam à cidade, mas Inácio sente uma viva e santa curiosidade. Saber para que lado estava Jesus voltado quando subiu ao Céu. Para se certificar deste pormenor, deixa o grupo e

### *O peregrino que caminha*

vai sozinho ao local da Ascensão, e descreve deste modo o que lhe sucedeu: «recordou-se de que não fixara bem, no Monte das Oliveiras, de que parte ficara o pé direito e de qual o esquerdo do Senhor. Tornando lá, deu umas tesouras aos guardas para que o deixassem entrar».

Entretanto, os frades caíram na conta que Inácio não estava presente no grupo e enviaram um criado a procurá-lo. Este, ao encontrá-lo, ameaçou-o com um pau e, muito arreliado, trouxe-o preso por um braço. Pelo caminho, Inácio diz que «recebeu de Nosso Senhor grande consolação: parecia-lhe ver sempre Cristo a pairar sobre ele». Era a recompensa do Mestre ao desejo simples mas afectuoso do humilde «peregrino».

O regresso da Terra Santa foi cheio de peripécias e sofrimentos. Ainda na Palestina, devido aos perigos de ataques, fazem a viagem de noite, até Ramla, onde chegam cansados e com fome e, para maior incómodo, o governador exige-lhes o pagamento de um ducado. Tiveram de passar vários dias nesse ambiente insalubre e só a 3 de Outubro conseguiram embarcar em Jaffa, rumo a Itália. Mas no barco, além da falta de mantimentos, a viagem tornou-se

mais demorada devido à acalmia dos ventos. Adoeceram vários passageiros e morreu um.

Depois de muitos contratempos, sobretudo para Inácio que era «pobre peregrino» e não tinha dinheiro para embarcar de Lárcana para Veneza, lá conseguiram partir a meados de Novembro. «Partiram num dia de vento próspero, pela manhã, mas, à tarde, sobreveio forte tempestade e as naus se desgarraram umas das outras. A grande foi-se a perder, mesmo à costa do Chipre, e só a gente se salvou. A nau dos turcos afundou-se. Passageiros e tripulação pereceram na tormenta».

O pequeno barco em que viajava Inácio, após muitos trabalhos e sofrimentos, aportou numa praia da Apúlia. Era Inverno, fazia grande frio e nevava. «O peregrino – assim relata ele o acontecimento – não levava mais roupa do que uns calções remendados, de pano grosseiro, que chegavam aos joelhos, as pernas nuas, com sapatos, além de um gibão de fazenda escura aberto em muitas tiras nas costas, e um casaco curto, pouco felpudo». Muito frio e outras dificuldades passou o «peregrino».

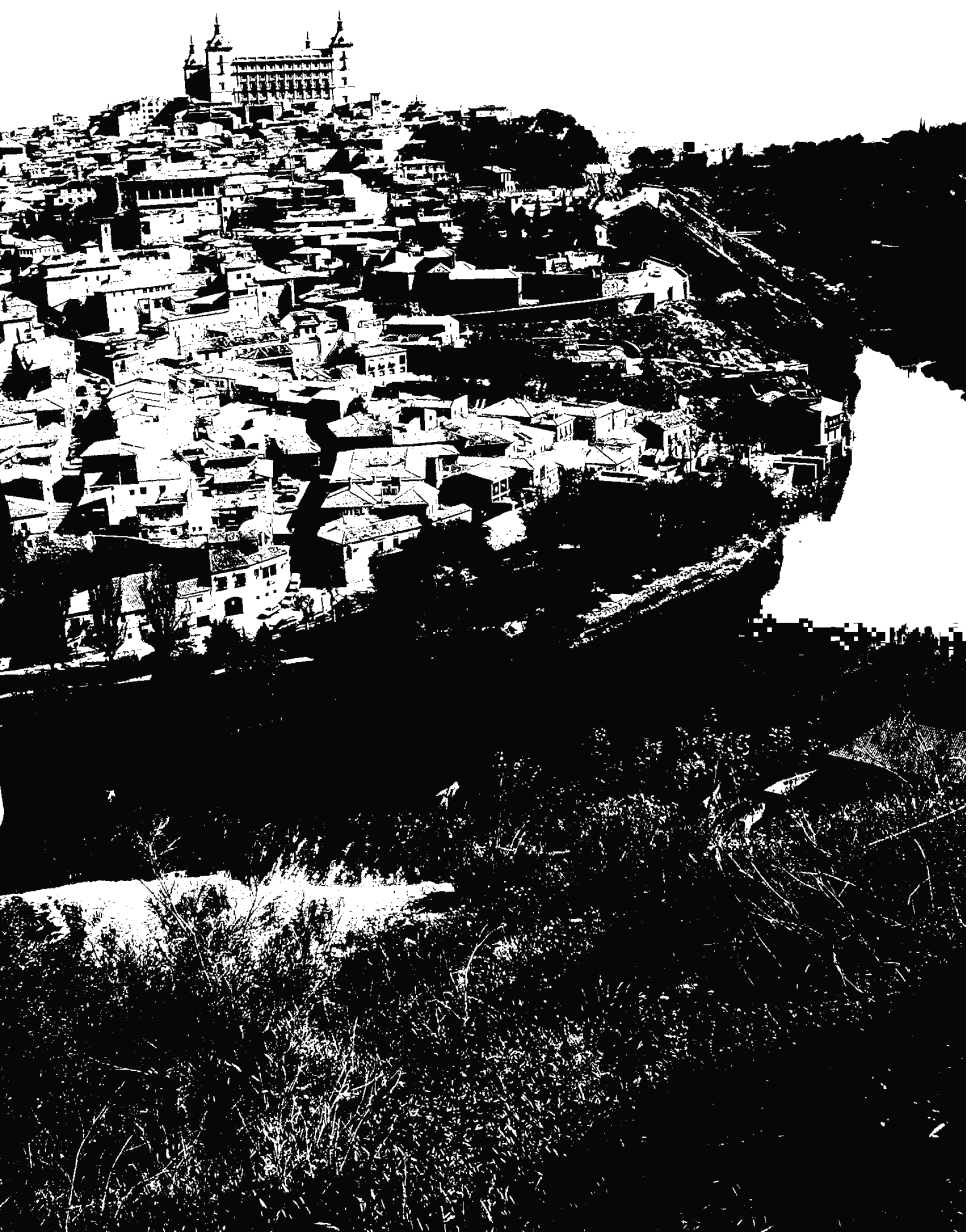
Chega a Veneza a meados de Janeiro. Põe-se a caminho de Génova, para aí embarcar novamente para Espanha. Na viagem para Génova, pára em



*O peregrino que caminha*

Ferrara, onde sucedeu um episódio curioso. Estando na catedral a rezar, veio um pobre pedir esmola. Deu-lhe um “marchetto”. E continua ele: «Depois deste veio outro, e lhe deu outra moedinha, algo maior. E ao terceiro, não tendo senão “júlios” (décima parte do ducado) deu-lhe um “júlio”. Ao verem os pobres que dava esmola, não faziam senão vir, e assim se acabou tudo o que trazia. Por fim vieram muitos pobres juntos pedir esmola. Respondeu que lhe perdoassem, pois não tinha mais nada».

Inácio foi, de verdade, um pobre peregrino. Ao partir, deixa no cais as moedas que lhe sobram. Ficaram sobre uma pedra para que servissem a alguém mais necessitado. Na viagem e na Palestina vive de esmolas, sofre o desconforto de peregrino pobre. Ao regressar, dá tudo o que tem, fica sem nada. Mas o peregrino vem cheio de Deus, pois o Senhor, que nunca Se deixa vencer em generosidade, sacia da sua presença e intimidade os corações pobres. Que vai Deus querer deste homem, de coração magnânimo, mas pobre peregrino, sem casa, sem meios económicos, sem futuro concreto?



## O ESTUDANTE COMPROMETIDO

Que vai Inácio fazer da sua vida? Depois da peregrinação a Roma e à Terra Santa, onde o Senhor Se deu a conhecer e Se revelou dum modo novo, agora, este homem de 33 anos de idade, que rumo vai dar à sua existência? Ele próprio descreve o seu discernimento ao afirmar, referindo-se a si na 3ª pessoa, com o nome de «peregrino»: «Depois que o peregrino entendeu ser vontade de Deus não continuar em Jerusalém, veio sempre pensando consigo, que faria. Por fim inclinava-se mais a estudar algum tempo para ajudar almas, e determinava ir a Barcelona».

E assim faz. Senta-se no meio das crianças da escola a estudar gramática e latim. Vai passar por grandes dificuldades, e uma das maiores foi a falta de capacidade de concentração nos estudos, pois enquanto decorava as declinações e as regras da gramática, vinham-lhe à mente ilustrações e gostos

relacionados com assuntos espirituais, que o impediam de estudar. Sente que está a ser submetido a algo que não vem de Deus, pois o impede de estudar. Fala com o professor, impõe-se alguma penitência, promete não faltar às aulas, pede que o castigue caso não saiba as lições. Depressa lhe passou a desatenção e os estudos começaram a ter progressos.

Os dois anos passados em Barcelona a estudar foram também ocasião de muito apostolado. Parece ter sido aqui que Inácio deu os Exercícios Espirituais pela primeira vez. Começa a ganhar amigos, a fazer discípulos. O seu estilo de vida tão penitente e austero, o modo nobre e simples como vivia e, sobretudo, o nível espiritual das suas conversas e a caridade para com os mais pobres e doentes, alcançam para Inácio certa aura popular. O P. Polanco, que foi durante vários anos secretario de Inácio, quando este já era Superior Geral da Companhia, refere-se a estes anos em Barcelona do modo seguinte: «ali começou a ter desejos de juntar algumas pessoas para em sua companhia pôr em prática o desígnio que então lhe veio de ajudar a reformar as faltas no serviço divino, pessoas que fossem como trombetas de Jesus Cristo».

*O estudante comprometido*

Acabados os estudos em Barcelona, em 1526, Inácio vai para Alcalá, começar o curso de artes ou de filosofia, e aí fica cerca de um ano e meio. Além do estudo da filosofia, Inácio dedica-se a várias atividades apostólicas, entre as quais a orientação de Exercícios Espirituais e o ensino da doutrina cristã. O povo aderiu em grande número e muitas pessoas faziam notáveis progressos na vida espiritual e nos comportamentos morais.

É em Alcalá que os Tribunais da Inquisição lançam contra Inácio pelo menos três processos.



E como alguns companheiros se juntavam a ele e procuravam vestir do mesmo modo e ter o mesmo estilo de vida, foram a tribunal para serem interrogados e, depois, proibidos de assim vestirem e de ensinarem doutrina e orientarem Exercícios Espirituais. Meses mais tarde, em Abril de 1527, Inácio é preso, mas como ele próprio afirmou: «procedia como se estivesse livre: explicava a doutrina e dava Exercícios Espirituais. Não quis nunca tomar advogado, embora muitos se oferecessem. D. Teresa de Cárdenas mandou-o visitar e se ofereceu muitas vezes para o tirar dali. Mas nada aceitou, dizendo sempre: “Aquele por cujo amor entrei aqui, me tirará, se for servido”». E ficou na cadeia durante quarenta dias. A sentença proferida impedia-o de ensinar a doutrina. Esta cláusula causava a Inácio grande sofrimento, pois desejava «ajudar as almas».

Depois de falar com o Arcebispo de Toledo e de lhe expor a sua situação, com a aprovação do Primaz e a promessa da ajuda deste, quer através de amigos, quer no colégio que o Arcebispo aí tinha fundado, parte para Salamanca, aonde chega nos começos de Julho de 1527.

Nesta cidade, a vida também não lhe foi nada fácil. Poucos dias depois da sua chegada, foi no-

vamente acusado por ensinar doutrina, sem ter estudado. Metido na cadeia cerca de 20 dias, num «compartimento velho e desabitado, onde havia muita sujeira» – como ele relataria mais tarde – vai dar muita edificação a todos, pois alegra-se por sofrer por amor de Jesus Cristo. Ao futuro Cardeal Arcebispo de Burgos, que o visitou e lhe perguntou como se sentia e se não lhe pesava estar preso, Inácio retorquiu: «Eu responderei como o fiz hoje a uma senhora que dizia palavras de compaixão por ver-me preso. Eu disse-lhe: nisto mostra a senhora não desejar estar presa por amor de Deus. Então, tanto mal lhe parece que é a prisão? Pois eu digo: não há tantos grilhões e cadeias em Salamanca que eu não deseje, e muitos mais, por amor de Deus».

Tais palavras provavam bem que a doutrina que ensinava e os Exercícios Espirituais que pregava e que já tinha apresentado por escrito ao tribunal eram vividos por Inácio com plena convicção e entusiasmo. E a prová-lo, seja-nos permitido relatar outro facto destes dias da prisão em Salamanca. Numa noite, todos os presos fugiram. Inácio e os seus companheiros permaneceram no cárcere. Este facto causou grande admiração a todo o povo e às próprias autoridades que o tinham preso.

Depois de vários interrogatórios, vendo os juízes que Inácio nada dizia ou ensinava contra a fé e os costumes, resolveram pô-lo em liberdade, impondo-lhe contudo a cláusula de não ensinar enquanto estivesse na jurisdição de Salamanca. Mais uma vez, Inácio viu-se perante um novo discernimento, e começou a rezar e a pedir a Deus luz acerca do que devia fazer. Como em Salamanca encontrava tão grandes dificuldades, decidiu ir estudar para Paris, mas o futuro continuava nubloso, incerto. Como o próprio Inácio afirmou, nesta altura ainda duvidava sobre o que deveria fazer: «Entraria numa Ordem religiosa ou andaria assim pelo mundo?»

Se visse que o seu caminho era uma Ordem religiosa, Inácio disse que optaria por uma que fosse menos observante e mais se tivesse desviado da primitiva regra. Faria isto por dois motivos. Primeiro, para sofrer mais por amor de Jesus Cristo. Em segundo lugar, para poder contribuir para restabelecer o fervor inicial. Mas como tudo isto era ainda demasiado incerto, resolveu partir para Paris, onde havia de chegar a 2 de Fevereiro de 1528.



## O MESTRE QUE SE IMPÕE

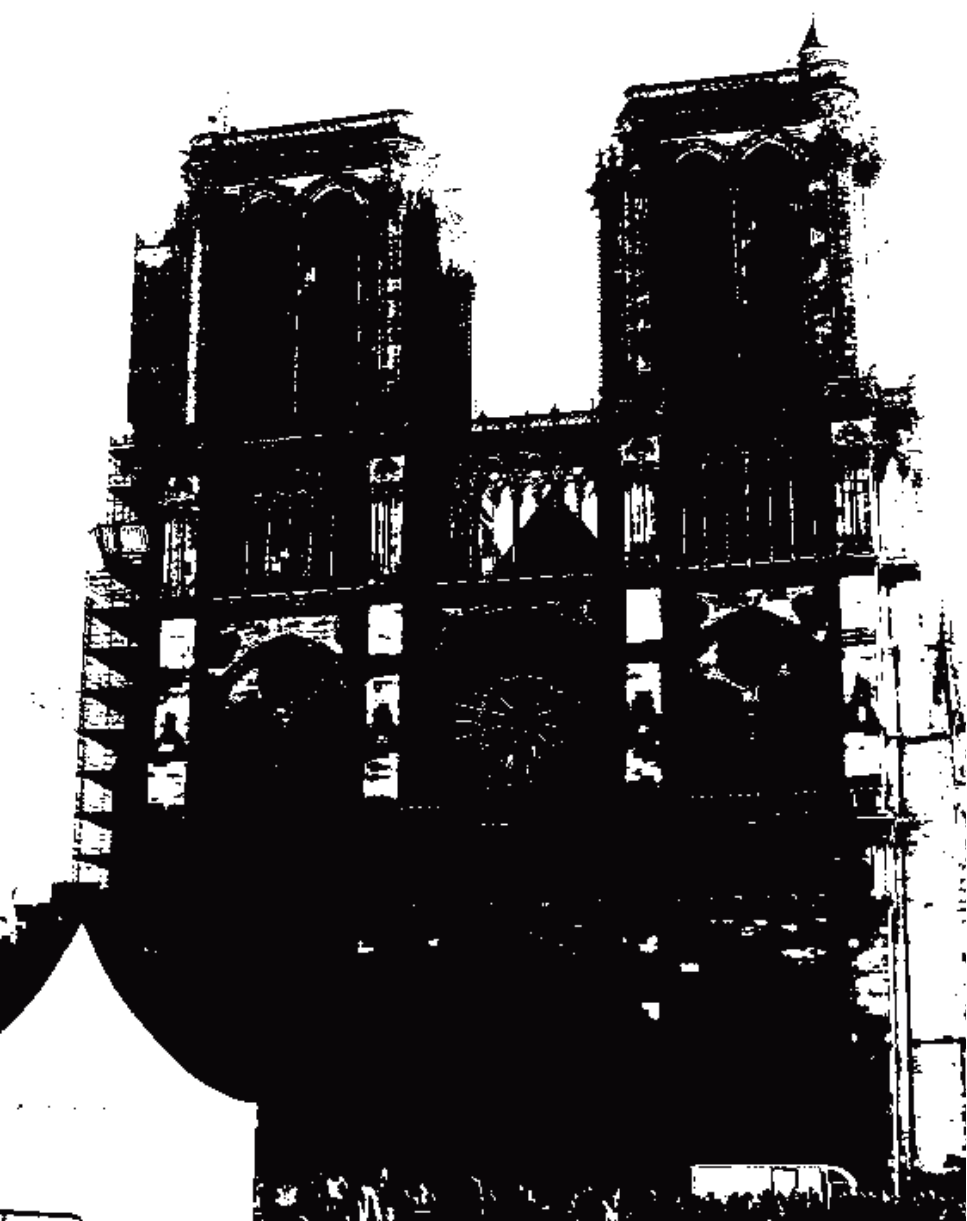
Paris era, já nesse tempo, uma cidade universitária com alguns milhares de alunos, vindos de diversos países. Inácio caminhou, só e a pé, desde Barcelona, e chegou a Paris como pobre peregrino que vive de esmolas. Escolhera este mundo universitário, não só pela fama que a Sorbonne já tinha, mas sobretudo porque, não sabendo francês, dedicar-se-ia mais aos estudos e menos ao apostolado e às conversas espirituais. Outra razão para esta escolha parece ter sido o grande desejo de atrair novos companheiros, entre os estudantes espanhóis e portugueses que frequentavam a Universidade.

A vida de Inácio em Paris não foi nada fácil. Decidiu recomeçar os estudos em filosofia, pois os que fez em Alcalá e Salamanca, devido às dificuldades encontradas e aos muitos apostolados, não o tinham satisfeito. Por outro lado, depois de tentar viver de outro modo, resolve refugiar-se no hospício

de S.Tiago, mas a distância a que o hospício ficava da Universidade e as exigências de horário que o obrigavam, às vezes, a perder algumas aulas, levam-no a mudar-se para o Colégio de Santa Bárbara.

Estudar em Paris à custa de esmolas não era fácil. Aconselhado por um frade espanhol, Inácio irá durante três anos seguidos à Flandres, angariar esmolas para poder viver e pagar os estudos. Na última dessas viagens conseguiu ir a Londres, o que lhe valeu regressar a Paris com uma soma maior de donativos. Essas viagens deram a Inácio possibilidades de grandes contactos e dum maior conhecimento do mundo e dos homens. Foram ocasião de enriquecimento humano e cultural.

Os amigos que o seguiam em Espanha tinham ficado pelo caminho. Em Paris, orienta os Exercícios Espirituais a alguns estudantes, mas os primeiros, embora tivessem uma conversão de vida notável, não se dispuseram a acompanhar Inácio e fazer com ele um grupo que vivesse o Evangelho de um modo radical. Ainda não tinha soado a hora de Deus para a fundação do primeiro núcleo de «seguidores de Cristo», mas a influência de Inácio era notável. A mudança de comportamentos dos colegas que tinham feito os Exercícios criou a Inácio grande



oposição e perseguição por parte de professores e do próprio director do Colégio, o português Diogo de Gouveia. A actividade apostólica de Inácio era tida como subversiva, o que levou os mestres a estarem dispostos a infligir-lhe sério e doloroso castigo, colocando-o com o dorso nu, no meio da sala e perante os alunos, encarregando-se os mestres de o flagelarem com muitas vergastadas. Graças a Deus, o director não encontrou razões para tal condenação e Inácio foi libertado dessa punição.

A personalidade do nosso biografado, a sua invulgar vida de “santo”, o modo nobre e humilde como vivia, falava e agia, os Exercícios Espirituais que ia dando, iam granjeando fama entre os colegas e professores. Não era comum, naquele meio universitário (onde reinavam a vaidade e as orgias, o desejo de honras e de fama) encontrar um homem que vivesse, rezasse, amasse e tivesse um comportamento tão evangélico como Inácio, o espanhol que, convertido durante a convalescença do ferimento da bala de Pamplona, conta agora 38 anos.

No quarto que, no edifício do colégio de Santa Bárbara, partilha com mais três, encontram-se Pedro Fabro, da Sabóia, e Francisco Xavier, de Navarra, além do Mestre João Peña. Parecia chegar a hora

de Deus para fazer nascer um pequeno grupo, mais estável, que seguisse Inácio e o seu ideal de vida.

Pedro Fabro, que estava encarregado de repetir as lições com Inácio, para o ajudar a progredir nos estudos, vai ser o primeiro a fazer os Exercícios. Registam as crónicas que durante o mês dos Exercícios, nos princípios de 1534, o frio foi de tal modo intenso que o rio Sena gelou a ponto de se poder atravessar de carro. Fabro sofria com alegria essas intempéries e, por penitência, dormia sem cobertor, deitado em cima dos cavacos que lhe ofereceram para se aquecer. Fica «conquistado e, doravante, faz de Inácio o seu mestre. A grande decisão de Fabro, após os Exercícios, foi a de se fazer ordenar sacerdote para melhor servir a Deus e aos homens. E assim sucedeu, a 30 de Maio de 1534.

Francisco Xavier, que como já dissemos era o outro companheiro de quarto, devido ao seu temperamento e à vida mundana a que estava habituado, foi um «discípulo» mais difícil de conquistar. O futuro promissor de glória, fama, riqueza, foi durante muito tempo grande impedimento para Francisco Xavier ouvir Deus e se deixar converter. Ao rezar as palavras de Cristo: «que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a alma»,

sentiu a acção particular da graça e o desejo de tudo deixar para seguir o Senhor Jesus. Mais uma vez, os Exercícios Espirituais que Inácio orientou foram momento da conversão e da decisão.

Inácio continuava a ser instrumento de Deus para ajudar a converter aqueles colegas que dora-vante só desejavam seguir Cristo, imitando o modo de vida que o próprio Inácio para si tinha escolhido. O desejo que o peregrino sentia em Alcalá, ou seja, «ajudar as almas», e a inspiração de escrever o livro dos Exercícios começavam a dar prodigiosos frutos. Inácio tornava-se, aos poucos, o «mestre» que se impunha pela vida exemplar, pelo saber, pela experiência espiritual.

Aliado à ciência espiritual, que era mais acção do Espírito Santo no coração e na inteligência de Inácio, ciência que as graças místicas tinham elevado a grau invulgar, Inácio de Loiola, que começara o estudo do latim aos 33 anos, que tinha percorrido as Universidades de Alcalá, Salamanca e Paris, possuía agora o grau de mestre em artes, com diploma concedido pela Universidade, na data de 14 de Março de 1535. Esta licenciatura dava a Inácio a possibilidade de ser professor na Universidade e autorizava-o a ensinar em qualquer colégio de Paris.



À vida simples, pobre e austera, às longas horas de oração e às grande penitências, Inácio aliava agora a categoria dos estudos universitários e possuía o pergaminho com o diploma em que estava gravado o selo da Universidade. Estava com 44 anos e tinha atrás de si uma vida repleta de experiências de toda a ordem, de conhecimentos em diversos sectores do

saber, de viagens e contactos, desde os mestres de Universidades aos pobres com quem partilhou a estadia em hospitais e hospícios. Palmilhou muitos milhares de quilómetros, viajou e conheceu gentes e terras, partilhou as experiências espirituais de vários discípulos, aprendeu muito com mestres ilustres, saboreou alegremente a peregrinação a Jerusalém, passou pelos tribunais da Inquisição e, por mais duma vez, esteve preso. Soube o que era a vida mundana, experimentou o pecado, a vanglória, os prazeres fúteis e teve a graça da mais elevada experiência mística. Inácio é de verdade um «mestre» que se impõe, que cativa, que polariza o coração de vários amigos. E Deus vai servir-Se do «pobre peregrino» para grandes coisas.



## O FUNDADOR QUE EMERGE

**A**lém de Pedro Fabro e Francisco Xavier, Inácio já tem outros amigos que querem segui-lo e partilhar a sua vida evangélica. Entre eles conta-se o português Simão Rodrigues, natural de Vouzela, na diocese de Viseu. Simão estava em Paris desde 1527, pensionista do Colégio de Santa Bárbara como bolsheiro do rei de Portugal, D. João III. Já se tinha proposto levar uma vida mais conforme ao Evangelho, mas ao conhecer Inácio e ouvindo falar da fama deste, resolve manifestar-lhe os seus sentimentos e os seus projectos. Fica unido a Inácio e nunca mais se afasta do grupo, apesar das dificuldades da sua tormentosa vida.

A estes três companheiros vão juntar-se mais três. Diogo Laínez, que virá a ser, mais tarde, o segundo superior Geral da Companhia de Jesus, estudava em Alcalá, mas levado por vários motivos, entre os quais o desejo de conhecer Inácio – pois ouvia

falar da sua fama de santidade e do seu teor de vida – muda-se para Paris. Aí entra em contacto com ele, faz os Exercícios Espirituais e adere ao grupo.

O mesmo sucede a Afonso Salmerón que troca Alcalá por Paris e, no mesmo ano que Laínez, em 1534, faz também os Exercícios Espirituais e toma Inácio por seu mestre e guia.

O último a juntar-se ao grupo foi Nicolau Afonso, que por ser natural de Bobadilha, será conhecido por Nicolau Bobadilha. Estudara teologia em Alcalá e Valladolid, mas resolvera mudar-se para Paris, onde conseguiu alcançar o lugar de professor num dos Colégios da cidade. Conhece Inácio, torna-se seu amigo, faz os Exercícios Espirituais no mesmo ano que os outros, em 1534, e fica unido para sempre ao grupo.

«Deixadas todas as coisas do mundo», riqueza, fama, família, glória mundana, projectos humanos, o grupo dos sete «amigos no Senhor» decide dedicar-se totalmente ao serviço divino, a viver de um modo evangélico, a seguir Jesus Cristo, a «salvar e ajudar almas». Começam a lançar-se os alicerces para a fundação da Companhia de Jesus, embora estivesse ainda longe de todos formar uma Ordem religiosa. Partilham todos um ideal que polariza os

### *O fundador que emerge*

seus corações, dinamiza a vida, os faz desejar imitar a Cristo e servi-Lo com toda a alma e com todas as forças.

Esse célebre ano de 1534, em que Fabro foi ordenado sacerdote e os restantes cinco companheiros fizeram os Exercícios de mês orientados por Inácio, vai marcar definitivamente as suas vidas. Vão ter a audácia duma oferta generosa e total, vão comprometer-se através dos votos a ser holocausto vivo. Esse acontecimento notável dá-se a 15 de Agosto desse mesmo ano.

Quem, na cidade de Paris, entre os professores ou os discípulos, quem entre os familiares dos sete «amigos no Senhor» imaginaria o que se estava a passar numa pequena capela, na colina de Montmartre, em Paris?! Pedro Fabro, o único sacerdote do grupo, celebra a Eucaristia. Antes da comunhão, volta-se para os companheiros, com Jesus Eucaristia na mão, e todos, começando por Inácio, fazem o seu voto, terminando Fabro por fazer o seu. Finalmente, todos comungam.

A matéria do voto, que se apresentava simples, ia dar origem a uma nova família religiosa. Prometeram dedicar-se de alma e coração ao bem e salvação dos homens, vivendo em pobreza, para

melhor imitar Cristo, e ir juntos à Terra Santa. Se, depois de um ano, não pudessem ir a Jerusalém, prometeram apresentar-se ao Papa, pondo-se à sua disposição para que os enviasse para onde julgasse mais conveniente.

Neste voto de Montmartre encontra-se a resposta ao dinamismo de oferta que os Exercícios Espirituais fizeram despertar no coração dos «amigos no Senhor». Inclui uma dimensão eclesial notável: pôr-se à disposição do Vigário de Cristo. É, sem dúvida, a alma e o coração de Inácio, a sua experiência da convalescença em Loiola, das graças místicas de Manresa, da peregrinação à Terra Santa com o desejo de lá ficar, juntamente com o seu sentido profundo de obediência ao Vigário de Cristo, que estão subjacentes ao voto que estes sete «amigos no Senhor», livre e corajosamente, resolvem pronunciar, como testemunho do dom generoso que lhes vai no coração.

Espanta-nos, ou melhor, alegra-nos e entusiasma-nos, com certeza, ver como estes homens, todos com um curso universitário, com um futuro brilhante, com tantas possibilidades de sucesso e de glória, no meio duma cidade onde a vida mundana, a competição, a vaidade se impunham, misturadas

## *O fundador que emerge*

com o prazer fútil, o tiunfalismo, o desejo de sobressair e de se impor, alegra-nos ver – dizíamos – como estes homens se decidem dum modo tão radical por Jesus Cristo, imitando-O na vivência da pobreza e no amor dedicado aos homens. Imitando Jesus Cristo, dar-se aos homens na Igreja, dispondo-se a obedecer ao Pontífice Romano e a ir para onde o Vigário de Cristo os enviasse.

O mestre Inácio de Loiola, a pedagogia própria dos Exercícios, a acção da Graça divina tinham-nos conduzido até aqui. Que se irá seguir? O Senhor o fará sentir, Ele o irá dizendo.



Ao deixar Paris, Inácio leva consigo um documento que atesta que o Mestre em Artes estudou a teologia durante ano e meio. Mas apesar de o tempo de estudos teológicos não ser muito, o P. Jerónimo Nadal escreveria mais tarde: «Disse um doutor, pessoa de muito prestígio, admirar-se de nosso Padre, pois não vira ninguém falar com tanto senhorio e majestade em assuntos teológicos». À grande força de vontade, unia Inácio dotes invulgares de inteligência, que o faziam ser admirado por todos e lhe davam verdadeira categoria intelectual. Uma tal personalidade aglutinava à sua volta o pequeno grupo dos primeiros companheiros. O Fundador começava a emergir entre os «amigos no Senhor».

## O LIVRO REVOLUCIONÁRIO

Como vimos nos capítulos anteriores, são os Exercícios Espirituais a ocasião privilegiada de conversão dos primeiros companheiros. Essa experiência, desde Manresa até aos nossos dias, continua a ser momento forte de caminhada espiritual. Os Exercícios Espirituais são uma escola de oração e de libertação interior que levam ao compromisso apostólico.

O pequeno livro não foi escrito para ser lido. Não é um livro de leitura espiritual, um pequeno compêndio de teologia ou um manual de piedade. É um livro para ser rezado. É um manual de transformação da própria vida. E, por isso, é revolucionário. Leva o exercitante a fazer uma descoberta do amor de Deus que o liberta e conduz à entrega, ao serviço do Reino.

Segundo a tradição, desde os primórdios da Companhia de Jesus, e por testemunho de vários

dos primeiros jesuítas, Inácio de Loiola foi inspirado por Deus e ajudado por Nossa Senhora a escrever este pequeno livro. Como vimos, começou-o em Manresa, logo a seguir à sua conversão, e vai dar-lhe sucessivas correcções, acrescentos, enriquecimentos diversos. Já Superior Geral, ainda Inácio revê o livro e lhe faz anotações diversas. As sucessivas experiências vão enriquecendo o texto. À medida que Inácio e os companheiros vão orientando Exercícios Espirituais, dão-se conta da riqueza libertadora desta experiência espiritual.

Mas o que são os Exercícios Espirituais, qual o conteúdo desse livro revolucionário? Que «mistério» contêm essas poucas dezenas de páginas que, ao longo de 450 anos, têm sido graça e dom para tantos milhares de homens e mulheres, e ocasião de conversão e de compromisso para tantos milhares de cristãos? Qual o «segredo» dissimulado nessas páginas que rezado, meditado, se torna contínua fonte de inspiração de santidade cristã? Por que afirmam os Jesuítas com frequência que as Constituições da sua Ordem, o seu modo de ser e agir nascem dos Exercícios Espirituais e aí está a fonte da sua própria espiritualidade?





Este pequeno livro começa por uma série de conselhos práticos para a oração, discernimento e outros «exercícios» espirituais para ajudar o exercitante e o orientador. São as chamadas *Anotações*, em número de 20, e as diversas *Adições*. Já com 450 anos de idade, estes conselhos contêm uma experiência e uma profunda sabedoria, que os tornam sempre actuais e levarão o exercitante não só a não os desprezar, mas a servir-se deles para melhor rezar e orientar a sua vida espiritual.

A experiência, toda desenrolada em oração, começa com o texto do *Princípio e Fundamento*

que conduz o exercitante a tomar consciência do fim para que foi criado e do uso que deve fazer de todas as coisas em ordem a esse mesmo fim. Convida o orante a buscar um estado interior de disponibilidade activa para, só e sempre, fazer a vontade de Deus.

Depois desta consideração introdutória, seguem-se as 4 semanas dos Exercícios, indicando Inácio que cada semana não será forçosamente de sete dias. Mas o conjunto terá cerca de trinta dias. Na 1ª semana, somos convidados a rezar o pecado e o perdão e abrimo-nos ao amor de Deus que salva e liberta. Além dos pecados pessoais, rezamos outras realidades do pecado que nos servem de reflexão. A 2ª semana, que pressupõe um exercitante com verdadeiros desejos de ir mais além de uma simples conversão, começa por colocar diante de nós Jesus Cristo, convidando-nos a segui-Lo, pois quer entrar na glória do Pai e com Ele quer levar todos os homens. Toda a 2ª semana é passada a contemplar a vida, os mistérios de Jesus, sempre movidos do desejo de O conhecer interiormente e de O seguir e amar. É nesta semana que se situa o chamado «dia inaciano», com a conhecida meditação das duas Bandeiras (dois espíritos, o evangélico

e o mundano) e a consideração dos três Binários (três espécies de atitudes em ordem ao seguimento prático de Cristo e conseqüente despojamento e determinação).

A 3ª semana, que começa com a meditação da Ceia e do lava-pés, vai levar o exercitante a rezar, pausada e demoradamente, a paixão de Cristo para chegar a um maior compromisso com o Senhor.

Vem depois a 4ª semana, a via gloriosa, com a meditação da Ressurreição, das Aparições do Ressuscitado e da contemplação da Ascensão, onde sente mais palpavelmente o compromisso de Cristo com ele.

Resta ainda uma meditação final, espécie de resumo e conclusão, a célebre «meditação para alcançar amor». Nesta, o exercitante é convidado a retomar o Princípio e Fundamento e toda a caminhada do Amor louco de Deus através das quatro semanas dos Exercícios. Da consciência deste amor nasce a entrega radical consignada na oração «Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade. Tudo o que tenho e tudo o que possuo Vós mo destes. A Vós o restituo. Tudo é vosso. Disponde segundo a vossa inteira vontade.

Dai-me o vosso amor e a vossa graça que isso me basta».

Além das meditações e dos conselhos próprios para a oração de cada semana, Santo Inácio compôs várias «regras» que dão ao texto dos Exercícios uma sabedoria espiritual invulgar: a dupla série de regras de discernimento espiritual para a 1ª e 2ª semanas, consta de sábias considerações para o exercitante ser ajudado na arte do discernimento interior; as regras para «sentir com a Igreja» que levam o exercitante ao amor e ao compromisso eclesial; as três séries de regras para a distribuição das esmolas, para se ordenar no comer e para se ajudar a libertar dos escrúpulos, são ajuda concreta e eficaz que se pode aplicar a outros sectores da nossa existência.

Mas, afinal, onde está o «segredo» deste livro revolucionário? Na acção misteriosa do Espírito Santo, que através desta pedagógica caminhada leva o exercitante a passar do desejo de conversão ao compromisso com Cristo, à liberdade para O servir em Igreja. É uma pedagogia que leva o cristão a uma vitalidade e a uma dinâmica de contemplativo na acção, buscando Deus em todas as coisas e vendo todas as coisas em Deus.

*O livro revolucionário*

Que estas considerações e a extraordinária eficácia deste «livro revolucionário» através dos séculos, possam despertar em muitos leitores o desejo de o conhecer e, sobretudo, levá-los a fazer uma verdadeira experiência dos Exercícios Espirituais.



## O REGRESSO À TERRA NATAL

**D**eixámos Inácio com os primeiros companheiros em Paris, depois dos votos de Montmartre. O grupo torna-se cada vez mais unido por um ideal comum, uma profunda amizade, uma vida evangélica partilhada por todos. Os estudos vão continuando. Estes homens, verdadeiros apóstolos apaixonados por Cristo, preparam-se assim para grandes e fecundos empreendimentos.

Inácio, sempre bastante frágil de saúde, é aconselhado pelos médicos a passar uma temporada na sua terra natal. Viagem longa, de Paris a Loiola: teria saído em princípios de Abril de 1535 e chegado no final do mês, numa sexta-feira, pelas cinco da tarde.

Trazia a incumbência de visitar as famílias dos seus companheiros e regularizar vários assuntos, pois estes não tencionavam voltar a Espanha. Pen-

savam ir directamente para Veneza. Assim fizeram, partindo de Paris em Novembro de 1536.

Entretanto, Inácio vai dedicar o seu tempo a fazer o bem. Apesar da insistência de seu irmão Martim, que habitava o solar da família Loiola, para que ele viesse instalar-se e viver na casa onde nascera, Inácio não cedeu aos sucessivos convites e foi hospedar-se no Hospital da Madalena, vivendo de esmolas que mendigava de porta em porta. Os relatos no processo de beatificação dizem que, durante esta estadia, Inácio levava uma vida de grande austeridade, com frequentes penitências e dormindo no chão.

O seu coração ardoroso, apaixonado pela «maior glória de Deus» e «salvação das almas», leva-o a catequizar ao ar livre, «havendo quem subisse às árvores ou aos muros para melhor o ouvir e ver». Certa vez, é ele que sobe para uma cerejeira, para melhor ser visto por todos, e de lá prega um sermão que leva muitos a derramar lágrimas de arrependimento.

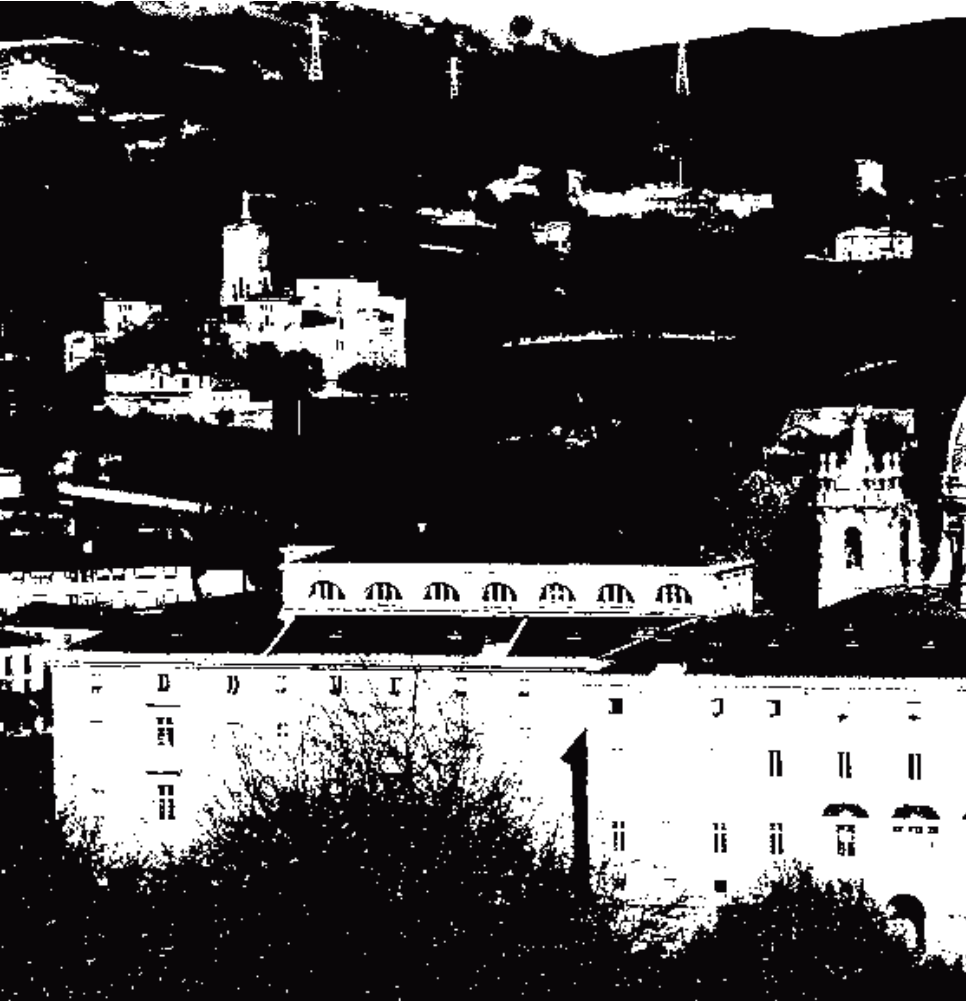
Dedica-se de alma e coração a fazer bem na sua própria terra. Estabelece a paz nas famílias, a união entre desavindos. Dedica-se à conversão de pecadores, entre os quais mulheres de má vida. Não cessa de fazer o bem e a todos edifica.



Mas não foi só o bem espiritual que mereceu o seu interesse. A sua dedicação pelos pobres leva-o a conseguir que o conselho municipal, em sessão plenária, aprove uma determinação que reprima a mendicidade e assegure a necessária assistência aos pobres. Conseguiu, também, que várias pessoas dessem algum dinheiro que foi depositado, servindo os juros para alimentar os pobres e todos os que sofriam necessidade.

Se é verdade o que o P. Polanco diz, quando afirma que uma das intenções que levou Inácio à sua terra natal foi «reparar com boas obras os maus exemplos que por ali dera em sua juventude», a sua permanência ao longo destes três meses apagou por completo tais recordações. Deu muitos exemplos de heróica virtude. E o amor ao seu torrão natal foi concretizado em imensas acções de bem-fazer.

Desta permanência na terra natal, um dos seus biógrafos, nosso contemporâneo, o P. Cândido Dalmases, afirma o seguinte: «No referente à saúde, principal motivo desta viagem a Espanha, tudo correu bem nos primeiros tempos, mas depois sobreveio-lhe a doença. Curado dela, achou dever pôr em prática o combinado, em Paris, com os seus companheiros, indo visitar as famílias».



E assim fez, saindo de Azpeitia, rumo a Pamplona e Xavier, onde se encontrou com o irmão de Francisco Xavier, a quem entregou uma carta deste que, entre outras coisas, lhe pedia para ser generoso em entregar esmolas a Inácio, «para aliviar, diz Xavier, a minha muita pobreza».



Visitou, depois, o pai de Diego Laínez, e foi a Toledo encontrar-se com a família de Afonso Salmerón. Terminadas as visitas programadas, embarcou para Itália, tendo feito, provavelmente, uma escala em Barcelona.

Entretanto, e porque faltava um pouco para o encontro marcado para Veneza, Inácio parte para Bolonha, onde pensa continuar os estudos de teologia, aproveitando os meses em que estaria só, à espera dos companheiros. Devido, contudo, à falta de esmolas para viver e a uma doença com febre muito alta, decide deixar Bolonha e partir para Veneza.

## O REENCONTRO DE AMIGOS

Inácio vai passar em Veneza um pouco mais de um ano, esperando pelos amigos. Nesta cidade, não só sente grande melhoria no estado da sua saúde, como encontra hospitalidade, simpatia e bondade. Benfeitores e amigos de Barcelona faziam-lhe chegar algumas esmolas que o ajudavam a viver e a continuar os estudos.

Chegada a Quaresma, Inácio dedicou-se mais à pregação, às conversas espirituais para «ajudar as almas» e a orientar os Exercícios. Foi durante este tempo que conheceu e contactou com João Pedro Carafa, que viria a ser mais tarde Cardeal e eleito Papa, tomando o nome de Paulo IV. Sabemos, pelo conteúdo de diversas cartas, que Inácio e Carafa não tinham as mesmas ideias acerca da vida que o primeiro levava e queria partilhar com os companheiros. Daqui surgiram certas dificuldades no começo da Companhia de Jesus.



Como vimos, os companheiros de Inácio saíram de Paris em Novembro de 1536. Divididos em dois grupos, para mais facilmente passarem despercebidos, esses seis homens caminham pobremente. Vestem fato comprido, típico dos estudantes de Paris, levam na cabeça um chapéu de abas largas. Ao pescoço, trazem um rosário e, numa pequena bolsa a tiracolo, a Bíblia, o breviário e alguns livros e escritos pessoais. Graças a estes, conhecemos muitos pormenores dessa difícil viagem, contados, sobretudo, por Simão Rodrigues, o português de Vouzela.

A guerra entre Carlos V e Francisco I vai dificultar muito a viagem, pois têm de se afastar o mais possível das zonas de combate. Mas nem assim conseguiram evitar muitas peripécias difíceis nesta longa viagem.

O frio, a muita chuva, as dificuldades de dormir e comer não impediram os «peregrinos» de falar de Deus a todos os que encontravam. Ao atravessar zonas ocupadas pelo protestantismo, não deixaram de defender com energia a fé católica. E é curioso notar que passaram por Basileia, cidade onde, nesse mesmo ano, morreu Erasmo.

Finalmente, a 8 de Janeiro de 1537, passados quase dois meses, dá-se o encontro com Inácio, pois

o grupo dos «amigos no Senhor» chega a Veneza. Instalam-se em dois hospitais que acolhem pobres e peregrinos, vivem de esmolas e esperam a proximidade da Páscoa para irem a Roma alcançar licença para a projectada peregrinação à Terra Santa, como estava previsto no voto feito em Montmartre.

Inácio, com medo de que a sua presença fosse prejudicar os objectivos da viagem a Roma, fica em Veneza. Os outros seis partem rumo à cidade eterna, onde chegam por ocasião da Semana Santa. Na Terça-feira pascal, dia 3 de Abril, conseguem, através do amigo doutor Pedro Ortiz, uma audiência com o Papa Paulo III. Este, cheio de carinho e muito satisfeito pelo diálogo que ele próprio, alguns Cardeais, Bispos e teólogos tiveram com os «peregrinos», concede-lhes o que pedem: a bênção, a licença para a peregrinação a Jerusalém e autorização para receberem as ordens sagradas. Além disso, oferece ao grupo sessenta ducados para a viagem, gesto que Cardeais e outros membros da Cúria Romana imitam, subindo o montante das ofertas para 260 ducados.

Regressados a Veneza, onde se encontrava Inácio, os que não eram sacerdotes são ordenados a 24 de Junho, solenidade do nascimento de S. João Baptista, por D. Vicente Nigusanti, bispo de Arbe.



Só Salmerón não foi ordenado presbítero nesse dia, porque tinha apenas 22 anos de idade. Teve que esperar por Outubro.

Como não conseguiram viagem para Jerusalém, enquanto esperavam, dedicaram-se à oração e à pregação. Queriam preparar-se bem, durante 40 dias, com intensa oração e não pouca penitência, para celebrar a primeira Eucaristia. Entretanto, espalhados por grupos de 2 ou 3, iam dedicando algum tempo à pregação e às obras de misericórdia. Verdadeiros apóstolos, incendiados pelo fogo do Espírito e com zelo admirável, iam fazendo imenso bem.

Entretanto, como continuavam sem conseguir a viagem à Terra Santa que se tinham proposto fazer no voto pronunciado em Paris, a 15 de Agosto de 1534, Inácio resolve chamar os companheiros para, em discernimento e oração, verem em comum como proceder. O estado de guerra contra os turcos vai, de facto, impedir a peregrinação à Terra Santa. E surge um novo dado para o problema: Inácio, Pedro Fabro e Lainez são chamados a Roma. Os outros espalham-se por Bolonha, Ferrara, Sena e Pádua, cidades universitárias onde o seu apostolado poderia ter uma maior influência e, porventura, conseguir alguma vocação no meio universitário.



## O CAMINHO PARA ROMA

Esta caminhada para Roma torna-se, por diversas circunstâncias, verdadeiramente decisiva. Antes de mais, porque aos «amigos no Senhor» se pusera esta questão: «Que responderiam a quem lhes perguntasse quem eram?». O P. Polanco, que foi mais tarde secretário de Inácio, diz-nos o seguinte: «O nome é a Companhia de Jesus. Tomou-se este nome antes de chegarem a Roma. Como tratassem entre si o modo de responderem a quem lhes perguntasse que congregação era essa de 9 ou 10 pessoas, começaram por dar-se à oração e a pensar no nome mais conveniente. E, visto não terem outra cabeça ou prepósito senão Jesus Cristo, a Quem só desejavam servir, pareceu-lhes que tomassem o nome d'Aquêle que tinham por cabeça, dizendo-se a Companhia de Jesus».

Este nome de «companhia» era usado para as associações religiosas ou culturais. Inácio, na sua ida

à terra natal, confidenciou ao seu sobrinho Beltrão, a quem, por morte do pai, coube depois o título de Senhor de Loiola, que sonhava em fundar uma companhia desse tipo. Deus iria dar realidade a esse sonho, escolhendo-o para fundador da Companhia de Jesus. Numa carta a esse seu sobrinho, depois da aprovação oral do Papa Paulo III, Inácio escreveu o seguinte: «Lembro-me de que aí me recomendastes muito instantemente que vos desse notícias da Companhia que esperava ver nascer... Eu, ainda que indigníssimo, consegui, com a graça divina, lançar os alicerces firmes desta Companhia de Jesus. Assim a chamamos e assim o Papa a aprovou».

Nesta caminhada para Roma, vai dar-se um acontecimento que marcará dum modo decisivo tanto a vida de Inácio como a fundação da Companhia. Trata-se da célebre visão de La Storta. Na Via Cassia, a cerca de 16 quilómetros de Roma, encontra-se um local chamado La Storta, onde o grupo parou para rezar, numa capela.

Já há muito que Inácio vinha pedindo a Nossa Senhora que o quisesse «pôr com seu Filho». A Virgem ouviu esta súplica e é concedida a Inácio uma graça de união mística extraordinária. Estando a rezar na capela de La Storta: «sentiu tal mudança



em sua alma, e viu tão claramente que Deus Pai o punha com seu Filho que não tinha ânimo para duvidar disto». É o modo como o próprio Inácio descreve o que lhe passou na alma. Depois, os testemunhos de Laínez, Nadal, Polanco e S. Pedro Canísio continuam a relatar o que sucedeu. Inácio «disse que lhe parecia ver Cristo com a cruz às costas, e junto d'Ele o Eterno Pai que Lhe dizia: “Quero que tomes este por meu servidor”. E assim Jesus o tomava e dizia: “Quero que tu nos sirvas”». «Entretanto, o “peregrino” tinha ouvido interiormente estas palavras: “Eu vos serei propício em Roma”».

A visão de La Storta e o fenómeno místico que Inácio experimentou vão marcar o futuro. O próprio Pai eterno realizou a união mística de Inácio com Jesus. E como diz o biógrafo P. Cândido Dalmasas: «Este fenómeno místico experimentado por Inácio, repercutiu-se vincadamente na Fundação da Companhia de Jesus. Inácio sentia-se intimamente unido a Cristo. Quis que a Ordem que se ia fundar fosse totalmente dedicada a Cristo e levasse o seu nome. Sob a bandeira da cruz, dedicar-se-iam esforçadamente ao serviço de Deus e ao bem dos homens. Projecto de vida concretizado depois na Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus».

Depois da visão de La Storta, caminham para Roma. Tinham a certeza que aí o Senhor lhes seria propício. E foi-o dum modo admirável, sem, contudo, lhes faltarem perseguições, calúnias, processos em tribunal, etc. Na fraqueza é que eram fortes e a graça de Deus estava com eles. O projecto era divino e o Senhor daria seguimento à sua obra, a Companhia de Jesus.

Através da ajuda do doutor Ortiz, Fabro e Lainez ensinam na Universidade de Roma, enquanto Inácio se dedica à orientação de Exercícios Espirituais, sempre a um só exercitante, como já tinha feito em Paris. E um dos mais qualificados exercitantes foi exactamente o doutor Ortiz que, com Inácio, se retira para a Abadia de Montecassino, na Quaresma de 1538, e aí faz a extraordinária experiência dos Exercícios Espirituais.

Após a Páscoa, quando Inácio já tinha regressado de Montecassino, chegam a Roma os outros companheiros que tinham ficado no norte de Itália durante seis meses. Agora que estavam reunidos em Roma e não tinham podido peregrinar à Terra Santa, que queria Deus deste grupo de sacerdotes tão zelosos, penitentes, orantes e apostólicos?





## A APROVAÇÃO DESEJADA

A chegada a Roma, como Inácio supunha, foi seguida de muitas perturbações, dificuldades e calúnias, como é próprio dos seguidores de Cristo, pois os verdadeiros servos não são maiores do que o Mestre. Um dos maiores sofrimentos adveio dos boatos e calúnias de que Inácio e os companheiros não passavam de luteranos disfarçados. Levantou-se tal tempestade, empolada por outra calúnia – a de que tinham sido expulsos de Espanha, de Paris e Veneza, por causa das imoralidades e erros doutrinários – que foi como fogo na palha. O próprio decano do Sacro Colégio se deixou convencer destas falsidades. Mas Inácio, sempre confiante, forte e sem medo, move todos os meios, pede cartas de recomendação para Veneza e outras cidades onde tinham estado, e consegue uma audiência com o Papa Paulo III. Depois de longos sofrimentos e de instaurado um processo canônico, a pedido de Inácio, é finalmente procla-

mada a sentença de que os boatos eram falsos, as acusações caluniosas e são tecidos aos padres grandes elogios. Inácio pede várias cópias da sentença para enviar às pessoas mais influentes, espalhar em certos círculos romanos e até envia uma para a sua família em Loiola, que a conservou como relíquia.

Outros acontecimentos se passam nestes tempos. Inácio, depois de esperar e de se preparar durante ano e meio, celebra com renovada devoção a sua primeira Missa, na Igreja de Santa Maria Maior, no altar do presépio. Escolheu a noite de Natal de 1538 para tão significativa celebração.

Entretanto, como tinha expirado o tempo para a ida à Terra Santa, o grupo foi oferecer-se ao Papa. Paulo III aceitou alegremente esta oferta. E os «peregrinos», aquele punhado de Apóstolos, foram desenvolvendo uma actividade notável em Roma, dedicando-se à pregação, à reforma de conventos e, sobretudo, às grandes obras de caridade, mitigando a fome a desvalidos, dando cama e um tecto a muitos vagabundos. Dizem as crónicas que houve dias, sobretudo no Inverno de 1538-39, em que socorreram mais de trezentos. Não faltavam, é claro, os Exercícios Espirituais.

### *A aprovação desejada*

Outro notável acontecimento foi a «deliberação dos primeiros padres», de 1539. Começam a chegar pedidos para missões concretas e o Papa, devido ao oferecimento dos padres, consequência do voto de Montmartre, já lhes tinha dado uma missão a desempenhar. Era urgente tomar decisões. Iriam independentes ou em grupo? Ficariam sob a obediência de algum superior? Era chegado o momento de fundar uma Ordem?

De Março a 24 de Junho desse ano de 1539, reunia-se o grupo, cada noite, depois de previamente rezar e ponderar diante de Deus os assuntos a tratar. Cada um dizia as razões pró e contra e, finalmente, votavam. Os temas, as discussões e votação iam decorrendo com os seguintes resultados: continuarem unidos, confirmando e fortalecendo a comunhão, a partilha e a amizade. Firmar a obediência a um Superior, e além dos tradicionais votos de pobreza, obediência e castidade, acrescentavam um quarto voto de obediência ao Papa, dispondo-se a ir para qualquer parte do mundo para onde o Sumo Pontífice os enviasse.

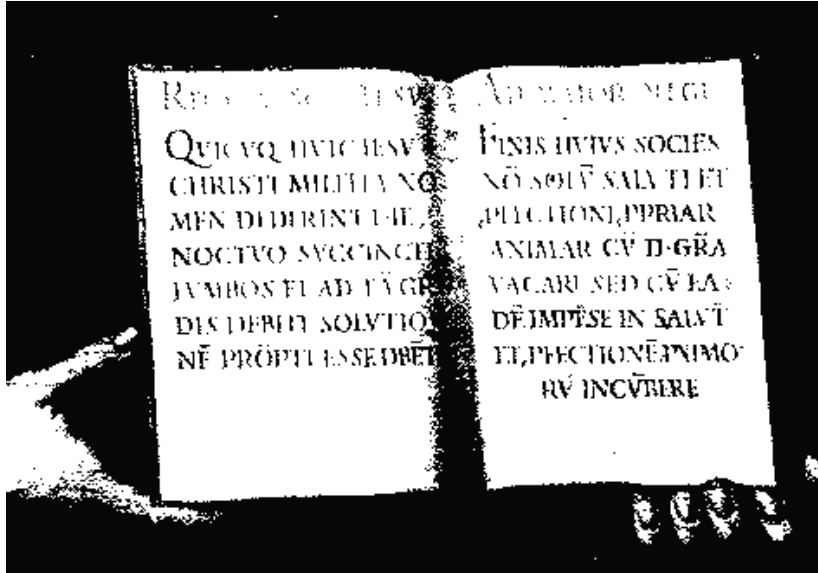
Determinaram, ainda, ensinar a doutrina a crianças, antes de terminar o ano de aprovação, e empregar três meses em Exercícios Espirituais, a fazer

a «prova de peregrinação» e a servir nos hospitais. O Superior Geral da Companhia seria eleito para toda a vida.

Esta célebre «deliberação» foi selada com uma cerimónia solene. Após confissão geral das suas vidas, todos participam na Eucaristia celebrada por Pedro Fabro. Assinam, depois, um documento em que solenemente se comprometem a entrar na Companhia, caso o Santo Padre confirmasse a sua fundação, e declaram que, na Companhia, se faria o voto de obediência para mais seguramente se conservar a união e fazer um bem mais universal.

A seguir à deliberação e à solene cerimónia, que teve lugar a 15 de Abril, Inácio fica em Roma a redigir a primeira Fórmula do Instituto, enquanto os companheiros se dispersam, realizando vários trabalhos apostólicos. A primeira Fórmula continha, em resumo, as linhas gerais da nova Ordem, desde a admissão dos candidatos, aos votos, à eleição e autoridade do Superior Geral, etc. O Papa Paulo III aprovaria oralmente este texto, que lhe foi lido pelo Cardeal Contarini, em 3 de Setembro de 1539.

O Papa enviou o texto, que era composto de cinco capítulos, ao Cardeal Gerónimo Chinucci, secretário dos breves pontifícios, para que redigisse



um documento de aprovação. O Cardeal, ao examinar o texto, encontrou sérias dificuldades. Esta nova Ordem não tinha o ofício cantado em coro, não se propunha penitências em comum, não tinha previsto usar hábito e queria fazer um voto especial de obediência ao Papa. O Cardeal, por causa destas dificuldades, era contrário à aprovação jurídica da Companhia.

Para resolver o assunto, o Papa Paulo III remeteu o documento ao Cardeal Bartolomeu Guidiccioni, para estudar o problema. Bateu a fraca porta, pois este Cardeal era contra a fundação de novos Institutos, querendo até que os já existentes se reduzissem a quatro: beneditinos, cistercienses, franciscanos e dominicanos. Inácio, ao saber de tal, tentou ser recebido pelo Cardeal, mas nada conseguiu. Não

desistiu, porém. Como era seu costume em casos semelhantes, e já tinha passado por vários, recorre à oração e à influência de amigos. Prometeu três mil Missas em honra da Santíssima Trindade, celebradas por ele, por seus companheiros e por outros amigos, a fim de conseguirem do Senhor a graça da aprovação. Às orações uniu os meios humanos, ou seja, escreveu várias cartas a pessoas influentes, pedindo-lhes que falassem no assunto ao Santo Padre.

A graça foi concedida. O cardeal Guidiccioni aceitou o texto, fazendo-lhe várias mudanças e estabelecendo que o número de religiosos admitidos à profissão não podia ultrapassar 70. Finalmente, a 27 de Setembro de 1540, no palácio de S. Marcos, o Papa assina a bula «Regimini militantis Ecclesiae», confirmando solenemente a fundação da Companhia de Jesus.

## O GERAL QUE GOVERNA

**A**provada a Companhia, era necessário eleger um Superior, pois o cargo não podia continuar a ser rotativo, como até ali. Em Roma estavam poucos companheiros. Francisco Xavier e Simão Rodrigues já estavam mesmo em Lisboa, a pedido de D. João III, preparando-se para partir para a Índia, e Fabro encontrava-se na Alemanha. Inácio convocou o grupo que estava em Itália. Os outros já tinham deixado o seu voto por escrito ou, como Fabro, tinham-no enviado.

Rezaram durante três dias. Terminada esta preparação, a 5 de Abril, colocaram os seus votos na urna e deitaram também os três votos dos ausentes. Inácio é eleito Superior Geral por unanimidade, com excepção, como é obvio, do seu próprio voto. Apesar do resultado claro da eleição, não aceitou e pediu aos companheiros tempo para reflectir e que se fizesse nova eleição. Esta segunda votação, reali-

zada a 13 de Abril, teve o mesmo resultado. Inácio resiste, pois, como ele próprio afirmou, «por seus muitos maus hábitos passados e presentes, com muitos pecados, faltas e misérias», julga que não deve aceitar e prefere mais ser governado que governar. Pede para consultar o seu confessor, o franciscano frei Teodósio de Lodi, a quem narra toda a sua vida. Este aconselha Inácio a aceitar, pois o resultado das duas votações indica a vontade de Deus. Inácio devia ser o Superior Geral da Companhia de Jesus. Depois de conseguir que o confessor escrevesse o seu parecer para entregar aos companheiros, resolve aceitar o cargo e fá-lo, numa reunião, a 19 de Abril de 1541.

Três dias depois, a 22 de Abril, hoje celebração de Nossa Senhora Rainha da Companhia de Jesus, Inácio e os companheiros presentes vão à basílica de S. Paulo, fora de muros, e aí fazem a sua profissão consoante as determinações e fórmula aprovada pelo Papa. Antes da Eucaristia, que seria celebrada por Inácio, todos se confessam, e antes da comunhão, pronunciam a fórmula solene da entrega das suas vidas.

Os companheiros espalhados pelo mundo farão a sua profissão em locais e tempos distintos.



### *O Geral que governa*

Alegra-nos a nós, portugueses, pensar que Simão Rodrigues a fez em Évora, na solenidade do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, do ano da graça de 1544, e Francisco Xavier fê-la em Goa, ou em Dezembro de 1543 ou em Janeiro do ano seguinte.

Inácio, por vontade unânime de seus companheiros, vai governar a Companhia de Jesus durante quinze anos, ou seja, desde a sua eleição, em 1541, até à sua morte, em 1556. Deus dotou-o de qualidades invulgares para governar, além duma longa e rica preparação, desde a conversão de Loiola em 1521 até às circunstâncias tão variadas e fecundas da sua vida, desde os imensos contactos com gente de todas as classes, até às graças interiores de grau místico. De facto, Inácio era dotado dum conhecimento invulgar do homem, do seu interior e da sua psicologia. Possuía um grande poder de atracção devido à sua riqueza humana. Tinha uma visão clara dos problemas, era prudente nas decisões, firme e constante em levar por diante o que lhe parecia ser vontade de Deus e era dotado duma bondade e simpatia que o faziam amado por todos.

Ao escrever, na parte nona das Constituições, o perfil do Superior Geral, temos a sensação que descreve o seu auto-retrato. Os dados fornecidos pelos



### *O Geral que governa*

primeiros companheiros e por tantos outros que, ao longo dos 15 anos de governo, lidaram com ele e o descreveram, levam-nos a ver nele o que ele próprio escreveu: «Homem unido a Deus e muito familiar na oração. Homem virtuoso. Dotado especialmente de caridade e humildade verdadeiras que possa ser modelo dos seus súbditos. Homem mortificado em todas as suas paixões. Deve saber aliar a rectidão e a severidade à benignidade e mansidão». Estas e outras qualidades que Inácio aponta como necessárias ao Superior Geral, todas as viam encarnadas nele próprio.

O governo de Inácio de Loiola não se fez sentir só na vida da comunidade, daqueles que mais de perto viviam com ele. Vai mais longe e atinge dimensões muito mais transcendententes. Em defesa da fé, sobretudo nos países da Europa onde o protestantismo começa a imperar, na acção vigorosa da contra-reforma, Inácio foi um lutador heróico, através dos seus filhos, investidos de cargos ao serviço da Igreja, através das suas sábias orientações, dos seus conselhos. Que o digam as grandes «instruções» enviadas a Pedro Canísio que estava na Alemanha, que o digam a fundação dos Colégios em Colónia, Viena, Praga, que o digam as «regras para sentir

com a Igreja», onde Inácio coloca todo o seu espírito de fidelidade e submissão à Igreja hierárquica, opondo-se às doutrinas de Lutero e Calvino. E Pedro Fabro, grande apóstolo entre o protestantismo, afirmava, seguindo o conselho de Inácio, «que as coisas chegaram a tal ponto que eram urgentes argumentos de obras e de sangue» e que, para um apóstolo na Alemanha, o mais importante era a santidade de vida e o espírito de sacrifício.

E que dizer da acção da Companhia de Jesus no Concílio de Trento, sobretudo nas duas primeiras fases, realizadas durante a vida de Inácio? Se ao começo foram enviados simplesmente para assistir espiritualmente os Padres conciliares e suas comitivas, bem depressa foram chamados às sessões conciliares, pois a sua formação teológica, a sua vasta erudição, a sua fidelidade a Roma, o seu saber espiritual impuseram-se a todos. O próprio Cardeal legado do Papa, Marcelo Cervini, escolheu o Padre Diogo Laínez, que seria o sucessor de Inácio, para seu confessor.

O coração ardoroso de Inácio, o seu desejo da «maior glória de Deus», do «bem mais universal», da «salvação das almas», leva-o a uma intensa actividade de governo, implantando a Companhia em diversos

### *O Geral que governa*

países da Europa e, sobretudo, lançando raízes em países de missão. O apelo de Jesus Cristo, na meditação do Reino, e a conseqüente oferta dos seus discípulos, era encarnada na expansão da Companhia e no serviço missionário. A Índia, o Extremo Oriente, o Brasil, com a acção missionária do P. Manuel da Nóbrega, Beato José Anchieta e outros, as missões em Jerusalém, Chipre e Constantinopla, e o desejo de Inácio em missionar a Etiópia, para onde enviou o P. Gonçalo Rodrigues, natural de Calheiros, Diocese de Viana do Castelo, embora a missão não se tivesse podido consumir, são os longínquos campos de actividade apostólica que Inácio tem no coração e para onde envia jesuítas.

São cerca de sete mil as cartas que Inácio, como Geral da Companhia, escreve para quase todo o mundo. Imensos contactos para as fundações, para ajudar à observância das novas Constituições, para animar algum jesuíta menos feliz ou mais desencorajado, para reis, príncipes e bispos, etc., são as ocupações quotidianas do Fundador ao longo dos 15 anos do seu governo. Algumas dessas cartas são enviadas para Portugal, para o P. Simão Rodrigues, a primeira com data de 18 de Março de 1542. Escreveu também duas famosas cartas «aos Padres e

Irmãos de Coimbra», a primeira datada de 8 de Agosto de 1546, comunicando a morte do Beato Pedro Fabro, e a segunda, de 7 de Maio de 1547, chamada comumente a «carta sobre a perfeição». A célebre carta sobre a obediência, com data de 26 de Março de 1553, dirigida a todos os Padres e Irmãos de Portugal. Temos ainda cartas pessoais endereçadas a Francisco Xavier (várias), ao P. António Brandão (1 de Junho de 1551), ao P. Urbano Fernandes, reitor do Colégio de Coimbra (1 de Junho de 1551), ao P. Manuel Godinho, procurador do Colégio de Coimbra (31 de Janeiro de 1552), ao P. Diego Mirón (várias), segundo Superior Provincial e confessor de D. João III, ao P. Teotónio de Bragança (1 de Janeiro de 1554), ao P. Manuel da Nóbrega (25 de Agosto de 1554), para citar só algumas.

Além das cartas de carácter interno, dirigidas a jesuítas, Inácio escreve outras endereçadas ao Rei D. João III, a primeira datada de 8 de Março de 1543, ao Infante D. Luís de Portugal, com data de 24 de Dezembro de 1553, a D. Fernando de Vasconcelos, Arcebispo de Lisboa, em 26 de Julho de 1554.

## O APÓSTOLO QUE INCENDEIA

Um biógrafo contemporâneo afirma que Inácio pode ser apelidado o «Apóstolo de Roma». Não só antes da aprovação da Companhia de Jesus e de ser eleito Superior Geral, mas também depois, Inácio dedica-se de alma e coração, qual apóstolo infatigável, a fazer o bem. Roma, durante os seus últimos 15 anos de vida, vai ser o seu campo de acção. «Apostolado plurifacetado, pois dificilmente se poderá encontrar qualquer empreendimento de carácter religioso ou assistencial em que a sua acção e o seu zelo abnegado não marcassem presença».

Dedica-se à catequese dos catecúmenos vindos do judaísmo e consegue para eles duas casas, com a ajuda de D. Margarida da Áustria, filha de Carlos V, e de Geronima Ossini, duquesa de Castro e mãe do Cardeal Alexandre Farnese, pois queria ajudar aqueles homens e mulheres, que mereciam todo o seu amor e respeito.

Com a ajuda de vários donativos, Inácio lança-se a fundar uma obra de protecção a mulheres de má vida, para as libertar da prostituição. Consegue a ajuda de pessoas nobres, de Cardeais e vários Bispos. E leva por diante esta obra admirável que, no espaço de sete anos, ajuda e regenera cerca de trezentas mulheres. Acerca deste apostolado e de outro semelhante, escreve o P. Bartolomeu Ferrão, natural de Castelo Branco, numa carta endereçada ao P. Simão Rodrigues, datada de 12 de Abril de 1546: «nestas coisas, que aqui muitas vezes acontecem, leva não pequeno trabalho nosso padre, tirando raparigas das suas casa, onde viviam com mulheres de má vida, de cujos exemplos o inimigo se podia servir, e collocando-as em lugares seguros, aprovados por Sua Santidade, de maneira que fiquem livres de perigos».

Os órfãos também tiveram uma particular dedicação, um lugar privilegiado no coração de Inácio. Devido à guerra e à peste, a fome, a miséria e a orfandade eram enormes. Por sua própria iniciativa ou colaborando em obras fundadas por outros, como a Confraria da Visitação de Santa Maria para os Órfãos, Inácio dedica-se com entusiasmo a essas crianças pobres e sujas que andavam vagabundas pelas ruas de Roma.



*O apóstolo que incendei*

Habitado a viver em hospitais, como fez em Manresa, logo a seguir à conversão, e depois em Alcalá, Barcelona, Paris, Veneza, etc., Inácio conhecia bem o ambiente dessas casas e a necessidade que os doentes tinham de ajuda, quer no campo material quer espiritual. Por isso, vai dedicar-se aos doentes e fomentar tudo quanto pode para os ajudar. Ele próprio os visita e os prepara para bem morrer, recebendo os sacramentos.

O «Apóstolo de Roma» ardia de zelo por fazer o bem, o maior bem possível. Sente-se impellido a ajudar a juventude, fundando para os estudantes uma escola. Quem passasse naquela rua, poderia ver um letreiro na porta que dizia: «*Escola de gramática, de humanidades e de doutrina cristã, grátis!*». Bem depressa se encheu o pequeno espaço de que dispunham, sendo necessário, daí a poucos meses, alugar outra casa maior. Esta pequena semente, lançada por Inácio, iria dar origem ao Colégio Romano que ainda hoje ocupa, no centro de Roma, um majestoso edifício, terminado de construir em 1584, graças à generosidade e empenho de Gregório XIII, tomando por isso, mais tarde, o nome de Universidade Gregoriana.

Esta tão laboriosa actividade, quer no governo próprio da Companhia, no acompanhamento das



várias fundações em tantas partes do mundo, quer nas inúmeras actividades apostólicas em Roma, têm uma fonte, uma origem: a profunda vida interior de Inácio. Não é um mero activista, deixando-se levar pela «heresia da acção». É um apóstolo centrado em Deus, com uma vida intensa de oração. Só assim se compreendem tantos frutos, tanto bem, tão grande eficácia.

Desde Setembro de 1544, Inácio habita uma pequena casa junto à igreja de Santa Maria da Estrada.

### *O apóstolo que incendei*

Aí viveu até à morte e, nessa casa, que ainda hoje se conserva, viveram e morreram os seus dois imediatos sucessores: o P. Diogo Laínez e S. Francisco de Borja, o Duque de Gandia que, depois de enviuar, foi recebido por Inácio na Companhia de Jesus e viria mais tarde a ser eleito terceiro Superior Geral. Nesses pequenos, simples e modestos apartamentos, Inácio vivia uma vida de oração intensa. Sobre a sua mesa de trabalho tinha o Novo Testamento e a *Imitação de Cristo*, livro que muito estimava e lia com frequência, a tal ponto que o P. Gonçalves da Câmara, seu contemporâneo, dizia que Inácio parecia, no seu modo de falar e viver, a encarnação do livro *Imitação de Cristo*.

Por aquilo que Inácio alguma vez confidenciou, pelo que escreveu em diário espiritual, pelo que os seus contemporâneos, sobretudo os que com ele viviam, dão testemunho, a comunhão com Deus que possuía era quase contínua em todas as actividades. Mas nem por isso deixava de passar longas horas em oração. Alguma vez afirmou que começou a orar às quatro e meia da manhã, e o P. Gonçalves da Câmara disse que aconteceu, depois da Eucaristia, ficar duas horas em contemplação.

Pelo pouco que nos resta do seu Diário Espiritual, podemos concluir que a sua vida estava centra-

da na Eucaristia e que nesta encontrava o momento de maior união a Deus e da concessão das maiores graças místicas. Uma das mais frequentes, era o dom das lágrimas, que nas poucas páginas do Diário aparece 175 vezes. «Na Missa sentia o contacto íntimo com Deus. Nela se lhe repete o fenómeno de La Storta, quando o Pai o punha com o Filho, em misteriosa união mística. Nela sentia imprimir-se-lhe o Nome de Jesus... Tendo Jesus nas mãos, via-O no Céu e ali», é deste modo que o P. Dalmases sintetiza o que a Eucaristia era para Inácio de Loiola.

O autor dos Exercícios, o Fundador que escreveu as Constituições da Companhia de Jesus, vive, encarna em si o ideal que propõe aos outros: buscar e encontrar a Deus em todas as coisas, ou noutra fórmula, ser contemplativo na acção. Desde a contemplação da natureza, como o céu e as estrelas durante a noite, até à visão de Deus e à comunhão íntima com a Trindade, parece que tudo na vida deste homem, por singular privilégio de Deus, o levava a viver em contínuo estado de intimidade, de união mística, naquilo a que alguns chamaram o «último grau de contemplação». Para ilustrar esta afirmação, fique aqui descrito o que Inácio deixou no seu Diário, relativo ao dia 24 de

*O apóstolo que incendei*

Fevereiro de 1522. Afirma o Santo: «junto à braseira, nova representação de Jesus, com muita devoção e moção de lágrimas. Em seguida, andando pela rua, representação de Jesus com grandes moções de lágrimas. Depois que falei com o Cardeal Carpi, na volta, igualmente sentimento de muita devoção. Após o almoço, principalmente depois de passar pela porta do Vigário, em casa de Trana, sentimento ou visão de Jesus, muitas moções interiores e muitas lágrimas».

Um homem que vivia assim mergulhado em Deus e possuía graus de oração da mais alta mística, como não havia de ser um «apóstolo de Roma», dotado de um poder apostólico tão notável, cativando a todos, exercendo uma actividade preciosa e fecunda? Como não havia de ser um instrumento eficaz nas mãos de Deus, para fundar uma Ordem que, em poucos anos, levaria o Evangelho a tantos recantos do mundo?



## A MORTE DO «SANTO»

A saúde de Inácio, desde Manresa, talvez devido às excessivas penitências e aos grandes e rigorosos jejuns, era muito frágil. Como afirma o P. Ribadeneira, que viveu muito de perto com o Santo Fundador, este «veio a padecer muitas enfermidades e gravíssimas dores de estômago, causadas pela grande abstinência dos primeiros tempos». De quando em vez, ao longo da vida, caía doente, com dores e febre.

Pelo relatório do Dr. Realdo, médico de Carlos V e Filipe II, que era, na altura da morte de Inácio, médico da Cúria Romana e que, no mesmo dia da morte, lhe fez a autópsia, sabemos que lhe encontraram pedras no fígado. Esta calculose biliar dava a Inácio sofrimentos atrozes, que o Santo, segundo o testemunho de muitos, suportava com serenidade e firmeza.

A fraca alimentação, os muitos trabalhos, as crises sucessivas iam depauperando cada vez mais a débil saúde de Inácio. O caminho para a morte parecia mais curto, mas Inácio, desejoso de «na pátria celeste ver e glorificar o seu Criador e Senhor», aguardava na serenidade e na paz. Já seis anos antes, por ocasião de uma grande crise, a *Autobiografia* nos relata o seguinte: «no ano de 1550 passou muito mal difícil enfermidade, que a juízo dele e também de muitos outros, se considerava a derradeira. Neste tempo, pensando na morte, sentia tanta alegria e tanta consolação espiritual em ter de morrer, que se derretia todo em lágrimas. Isto veio a ser tão contínuo que muitas vezes deixava de pensar na morte, para não sentir tanto aquela consolação».

Os últimos tempos de vida foram passados na cama, sem poder celebrar a Eucaristia, e tendo uma fragilidade cada vez maior. Ninguém, nem os médicos, nem os padres da casa, se apercebeu que o fim estava para breve. Inácio, contudo, sentia a morte a aproximar-se e, por isso, no dia 30 de Julho, chama o P. Polanco e diz-lhe que convinha ir ao Vaticano informar o Papa de que ele «estava muito no cabo e quase sem esperança de vida temporal, e que humildemente suplicava a Sua



Santidade lhe desse a sua bênção, a ele e ao mestre Laínez que também estava em perigo». Polanco, contudo, porque não lhe parecia que o doente estivesse tão mal, disse-lhe que, devido ao despacho de um correio urgente, iria ao Vaticano no dia seguinte, ao que Inácio respondeu: «Alegrar-me-ia muito mais que fosse hoje e não amanhã, e quanto mais depressa melhor. Contudo, fazei como vos parecer, remeto-me inteiramente a vós».

Polanco resolveu deixar o assunto para o dia seguinte, mas durante a madrugada, sendo chamado à pressa ao quarto de Inácio e vendo-o muito mal, resolve ir ao Vaticano pedir a bênção do Papa. Quando chegou a casa, já Inácio tinha falecido. A morte veio bater-lhe à porta, o Senhor veio chamá-lo na madrugada do dia 31 de Julho de 1556.

A notícia espalhou-se depressa, e como afirma o P. Polanco, numa carta datada do dia 6 de Agosto de 1556, logo a seguir à morte de Inácio, todos afirmavam: «Morreu o Santo». Era convicção de todos, dentro e fora da Companhia, que Inácio de Loiola, o soldado ferido no cerco de Pamplona e convertido no leito do solar da família, era um santo. Todos, desde os nobres que com ele lidavam, aos pobres, doentes ou órfãos que socorria, desde os

primeiros companheiros de Paris, aos mais recentemente entrados na Companhia de Jesus, tinham a mesma opinião: Inácio era um Santo.

Morte humilde, simples, sem «alarido», sem ter à sua volta os seus filhos da Companhia para abençoar, para uma última palavra de despedida (só estavam dois padres, Madrid e des Freux). Mas morte chorada e sentida, como afirma o P. Polanco: «Nesta casa e nos colégios não pode deixar de sentir-se que nos achamos privados da presença de tal Pai, a saudade é sem dor, as lágrimas com devoção, e a sua falta compensada com um aumento de graça e de alegria. Parece-nos que, por sua parte, tardava já o verdadeiro repouso para os seus contínuos trabalhos, a verdadeira saúde para as suas enfermidades, a bem-aventurança e felicidade perpétua para as suas lágrimas e constantes padecimentos».

Depois da autópsia, realizada na tarde de 31 de Julho, quiseram os seus filhos que um pintor fizesse um quadro a óleo que reflectisse os traços característicos da fisionomia de Inácio. Além disso, procuraram um técnico que fizesse em gesso a máscara do Santo. Queriam reter para sempre, como presença viva, a imagem daquele que Deus tinha escolhido para fundar a Ordem a que pertenciam.

### *A morte do santo*

No dia seguinte à morte, pela hora de vésperas, celebraram-se as exéquias. O P. Bento Palmio foi encarregado de fazer o elogio fúnebre, que parece ter sido uma «modesta e piedosa comemoração». A seguir, levaram-no a enterrar e sepultaram-no junto ao altar-mor, do lado do Evangelho, na Igreja de Nossa Senhora da Estrada. Depois, construída a majestosa actual Igreja do Gesù, aí repousam os seus restos mortais. Por cima da sepultura, uma lápide com uma inscrição, dizendo que morrera com 65 anos.

Inácio morreu, mas os cerca de mil jesuítas existentes na altura da sua morte iriam continuar a obra que o Senhor tinha querido que ele fundasse. Aprovada a Companhia de Jesus, aprovado o livro dos Exercícios Espirituais e as Constituições, estabelecida a Companhia em vários países, Inácio continuava vivo nas vidas e nas obras dos seus filhos e discípulos.



## O AMIGO DEDICADO

**E**ra Nicolau Bobadilha que estava destinado a fazer companhia a Simão Rodrigues para satisfazer o pedido de D. João III, rei de Portugal, quando este pedira alguns membros do grupo de Inácio de Loiola para missionários enviados a levar a fé a muitos milhões, do então império colonial português. Foi o Doutor Diogo de Gouveia, português, que era Director do Colégio de Santa Bárbara, em Paris, que falou ao Rei da possibilidade de encontrar, entre os zelosos companheiros de Inácio, homens capazes de tão grande odisseia.

Inácio cedeu ao pedido do Rei e escolheu dois, Simão Rodrigues e Nicolau Bobadilha. Mas como este adoeceu, foi substituído por Francisco Xavier, o navarro ardoroso e audaz, «conquistado» por Inácio para o grupo dos amigos no Senhor através dos Exercícios Espirituais. Chegados a Lisboa, impressionaram de tal modo o Rei e a corte, que aquele desejava

a toda a força reter na capital aqueles dois «Apóstolos». A solução de compromisso encontrada por Inácio foi permitir ao P. Simão Rodrigues que ficasse em Lisboa. Francisco Xavier partiria para a Índia no dia 7 de Abril de 1541, dia em que fazia 35 anos, e poucos meses após a aprovação papal da Companhia de Jesus. A viagem durou pouco mais de um ano, e Xavier chegou a Goa a 6 de Maio de 1542.

Já durante a longa e difícil viagem, Xavier foi exímio apóstolo com a sua caridade, delicada atenção aos doentes e uma intensa vida de oração que a todos edificava. E a sua permanência no Oriente, durante dez anos de intenso e esgotante apostolado, fez dele o «grande apóstolo», o zeloso e apaixonado apóstolo do Oriente. A actividade de Francisco Xavier começou pela pregação, não só para conseguir a conversão dos pagãos, mas também para instruir os cristãos baptizados anos antes, mas absolutamente desconhedores da doutrina e da vida cristã. No extremo sul da Índia, vai desenvolver uma acção notável entre os pobres pescadores de pérolas. «De aldeia em aldeia, debaixo de um sol abrasador, com uma dieta de arroz e eventualmente algum peixe, lá ia caminhando Francisco no interminável processo

de instruir aquele pobre povo, e de o libertar das suas antigas práticas pagãs».

Registam as crónicas que, em fins de 1544, Francisco Xavier percorreu as 14 aldeias da costa sudeste da Índia, baptizando, num mês, mais de dez mil habitantes. Depois, durante quatro anos, dedicou-se a um trabalho insano de evangelização entre os povos das Molucas, quatro mil milhas distantes da Índia, atravessou a cerrada floresta da península malaia, visitou a ilha de Java, e em canoas a remos, suportando o calor ardente, continuou as suas visitas. Não lhe faltam doenças, febres, dificuldades e perigos de toda a ordem, mas Francisco, possuído pelo zelo ardoroso de apóstolo evangélico, não recua, não desanima. Como ele próprio afirma, a fonte de toda esta vitalidade é a oração e os Exercícios Espirituais. Por isso pode escrever: «Se se aceitam os trabalhos por amor d'Aquele por quem os devemos sofrer, então converter-se-ão para nós numa fonte de grande consolação... Estou convencido de que aquele que sabe levar a cruz de Cristo encontra descanso nos seus próprios trabalhos».

De Malaca, seduzido pelas notícias acerca do Japão, resolve partir em descoberta do grande império com o desejo de lhe anunciar o Evangelho.

E assim sucedeu, largando de Goa, no Domingo de Ramos de 1549, acompanhado do P. Cosme de Torres, do Irmão João Fernandes e de Yajiro, o japonês convertido e recentemente baptizado, e que tomou o nome de Paulo da Santa Fé. Vai pisar o solo japonês no dia 15 de Agosto desse ano, aniversário dos votos de Montmartre, e começa a acção evangelizadora junto desse extraordinário povo a que Xavier chamará «as delícias do meu coração».

Após as primeiras dezenas de conversões, foi impedido de pregar. Não desiste, contudo, dos seus intentos. Resolve entrar em contacto com a Universidade de Hiei-zan para tentar estabelecer relações com as grandes universidades da Europa. Depois, planeia um encontro com o Imperador que residia em Miyako, actual Kyoto. Viagens longas, por vezes caminhando centenas de milhas, de pés descalços, escorrendo sangue, sofrendo o frio, atravessando campos cheios de neve. Mas porque percebeu que o daimyo de Yamaguchi era um príncipe poderoso e que só o poderia impressionar com um aparato de grandeza, «resolveu apresentar-se diante dele em trajes sumptuosos de gala, levando consigo cartas credenciais artisticamente escritas (tinha sido constituído embaixador de Portugal), com farta



provisão de presentes». Deste modo, vai conseguir licença para pregar o Evangelho e, pela graça de Deus, consegue, em dois meses, cerca de quinhentos convertidos.

Deixando as comunidades japonesas ao cuidado dos seus companheiros, volta à Índia, onde existem graves problemas que quer ajudar a resolver. Chega a Goa em meados de Fevereiro de 1552, e aí permanece durante três meses. O seu sonho de entrar na China, de levar o Evangelho a esse imenso Império de que os japoneses lhe falaram com tantos elogios, leva-o a tentar tudo para conseguir que o sonho se torne realidade. E, em fins de Agosto de 1552, parte para a ilha de Sanchoão, situada a trinta milhas de Cantão, acompanhando mercadores portugueses. Nessa ilha, encontra um chinês que aceita, a troco de trezentos e cinquenta e três cruzados de pimenta, levá-lo até Cantão. A partida fica marcada para 19 de Novembro.

O historiador William Bangert, S.J. resume do modo seguinte o que se passou: «Francisco esperou ansiosamente o navio que não acabava de chegar. Semimorto de fome, gelado pelos ventos cortantes de Novembro, numa choupana miserável e estreita, caiu doente. Pouco depois da meia-noite, a três de

Dezembro, um fiel amigo chinês pôs uma vela acesa na mão do moribundo, e ficou de vigia até que expirou. Para a Companhia de Jesus, a China tornou-se, desde então, missão de especial predilecção, e o campo de trabalho de muitos dos seus filhos mais distintos, que encontraram sempre inesgotável inspiração naquele navarro, distinto fidalgo, que morreu abandonado na desolada ilha de Sanchoão, no mar da China».

Conservam-se várias dezenas de cartas que, ao longo destes dez anos de acção apostólica, Francisco Xavier enviou para a Europa, muitas delas para Inácio de Loiola, a quem tinha votado para Superior Geral da Companhia com estas maravilhosas palavras: «Seja prelado o nosso antigo e verdadeiro pai Dom Inácio, o qual nos juntou a todos com não pouco trabalho, não sem ele nos saberá conservar, governar e aumentar de bem a melhor, pois está mais ao par de cada um de nós...».

A amizade destes dois homens é encantadora. Com frequência, Xavier chama a Inácio «pai da minha alma» e testemunha que chora de comoção, quando recebe as suas cartas que lê devotamente e de joelhos. E, em atitude de respeitosa amizade e de profundo sentimento filial, escreve a Inácio de joe-

*O amigo dedicado*

lhos, dizendo-lhe que anseia poder novamente vê-lo e abraçá-lo. E como testemunho desta profunda amizade, traz sobre o coração um papel em que tem escrito os nomes dos seus companheiros, entre os quais o do «pai da sua alma», Inácio de Loiola.

O Senhor, através da palavra e da autoridade do Papa Gregório XV, iria unir estes dois homens ainda de um modo mais excelente e glorioso, pois foram canonizados no mesmo dia, 12 de Março de 1622.



## O DIÁRIO ESPIRITUAL

Inácio de Loiola não foi um grande escritor, como outros santos e outros fundadores, mas deixou-nos o denso e «revolucionário» livro dos *Exercícios Espirituais* e outros dois textos magníficos, o *Diário Espiritual* e as *Constituições da Companhia de Jesus*, além de cerca de sete mil cartas e de outros dois pequenos documentos, a *Fórmula do Instituto da Companhia* e o *Exame Geral*.

O *Diário Espiritual*, a que alguém chamou «sentimentos internos da alma», não é propriamente um diário em que Inácio descrevesse acontecimentos pessoais ou outros, relatando uma sucessão de acções. É, de verdade, a descrição dos sentimentos interiores que o Espírito Santo imprimia em sua alma. Neste sentido, o *Diário* esclarece-nos, dum modo maravilhoso, sobre a grandeza de alma de Inácio e a maneira como procurava pôr em prática o contínuo discernimento interior.

O que nos resta deste precioso texto tem só o registo das moções interiores de pouco mais de um ano. Começa a 2 de Fevereiro de 1544 e termina a 27 de Fevereiro de 1545. Muitas questões ficam sem resposta, perante este texto: Será que Inácio destruiu o resto do *Diário*? Será que se perdeu? Nada sabemos ao certo. O que nos resta dá-nos luz para entender, na prática, o que o Padre Gonçalves da Câmara diz na *Autobiografia*: «A maneira como ele (Inácio) empregava ao escrever as Constituições da Companhia de Jesus, era celebrar cada dia a missa e apresentar a Deus o ponto tratado, tendo oração sobre ele: e sempre fazia oração e celebrava a missa com lágrimas».

No texto autógrafa que nos resta, podemos ver sempre a indicação da missa que celebrava cada dia (Nossa Senhora, Nome de Jesus, Espírito Santo, SS<sup>a</sup> Trindade ou do dia, geralmente o Domingo). Indica no texto se a missa foi com lágrimas e se as teve antes, durante e depois da celebração. E aparece também a indicação se a oração foi no seu quarto ou na Capela.

Na primeira parte do *Diário*, Inácio descreve, dia por dia, as moções interiores acerca da questão da pobreza das casas e igrejas da Companhia de Je-

sus, ou seja, se deviam ou não ter rendas fixas. Usa acerca deste assunto o que ensina aos exercitantes quando, no livro dos Exercícios, fala dos diversos modos de fazer eleição. Coloca todas as suas faculdades humanas, inteligência, vontade, memória, imaginação e sensibilidade a ver e ponderar, atenta e penetrantemente, os prós e os contras acerca do assunto, numa introspecção cuidadosa. Depois leva o assunto à oração, suplicando a intercessão de Nossa Senhora, de Jesus Cristo, para receber a confirmação e chegar ao Pai e, n'Ele, às outras Pessoas divinas, em sua essência e relações íntimas.

Pela análise do *Diário*, encontramos vários dons místicos concedidos a Inácio. O que parece caracterizar mais a devoção inaciana, que se exprime em consolação, paz, alegria e serenidade, é o dom das lágrimas. Parece ser o mais elevado em toda a história dos santos místicos católicos. Só nos quarenta primeiros dias do *Diário* anota 175 vezes o dom das lágrimas. Mas não é só este dom que o *Diário* nos revela. Superior a este dom foi o que ele recebeu muitos dias a fio e que ele chamou «acatamento», numa respeitosa humildade, em que ele sentia, com infável doçura, a grandeza do amor de Deus para com ele e toda a pequenez da sua falta de

correspondência para com esse amor divino. Dom também singular e superior foi o que ele chama «loquela», em que ele como que ouvia «palavras de maravilhoso som e de profundo sentido espiritual». Mas, acima de todos estes dons, afirmam os mestres que o mais alto grau de união mística era a visão das realidades celestes. Uma vez dos intercessores, Maria e Jesus, outras vezes das pessoas Divinas, principalmente do Pai e, n'Ele, das outras Pessoas.

A mística de Santo Inácio pode caracterizar-se por três dimensões. A primeira, a dimensão trinitária. Já desde Manresa, Inácio tem particulares graças em que lhe são revelados os mistérios da unidade e trindade de Deus. A iluminação do Cardonner e a visão de La Storta são dois pólos da mística trinitária de Inácio de Loiola, que o *Diário* revela como cume trinitário.

A segunda dimensão da mística inaciana é a eucarística. Desde os primeiros meses após a conversão, com várias horas de oração na catedral de Manresa, ao carácter eucarístico dos votos de Montmartre, até à presença de Inácio junto de Jesus Eucaristia, na capela ao lado do quarto, tudo se realiza em torno da Eucaristia. O preparo da celebração diária, as longas acções de graças e o prolongamento eucarís-





o desejo de salvar a todos, numa dádiva cada vez maior, dum bem cada vez mais universal. Síntese entre contemplação e acção, pois o Senhor que Se encontra e contempla lança-nos ao serviço dos homens, ao serviço da fé e promoção da justiça. Trata-se, pois, duma «mística de apostolado», duma espiritualidade que, animada pelo amor de Deus, se determina pela acção apostólica concreta, buscando o bem mais universal, o maior serviço dos outros.

Seja-nos permitido terminar estas considerações com palavras do P. Maurice Giuliani: «O *Diário* descreve, ao correr dos dias, o retrato interior de um Santo em contínua receptividade das moções divinas, vivendo com incrível intensidade o drama do “acesso” ao mistério, sem nada perder da sua lucidez, domínio e força de acção. Parece que toda a sua passividade consiste em se aniquilar no acto do “acatamento”, para reencontrar, mais puras e mais rectas, as forças da sua inteligência e da sua vontade. A abnegação é então a tal ponto radical que já não é ele que serve a Deus, é Deus que Se serve dele».

«O Apóstolo não tem senão um sonho, o de morrer de amor por seu Amado, e não cessa de morrer, cumprindo a todo o instante a tarefa para a qual é irresistivelmente conduzido. Mas é então

*O Diário Espiritual*

que ele recebe a “confirmação”, como selo vindo de Deus: a sua morte mística tornou-se o princípio de uma vida nova que o liberta para outras tarefas. E isto se irá repetindo, ao ritmo da graça, incansavelmente, até que chegue a confirmação definitiva, para além do último suspiro e da morte física, na visão da Pátria ou de seu Senhor».



## A VIDA CONTINUA

À morte de Inácio, como dissemos, havia cerca de mil Jesuítas espalhados pelo mundo, agrupados em onze Províncias religiosas. Desde a Itália, onde havia vinte e quatro casas, a maior parte delas Colégios, até ao Japão; desde a Espanha, terra do nascimento de Inácio, onde, à sua morte, existiam dezanove casas, até à Índia e Brasil, os Jesuítas procuravam viver o espírito do seu Fundador.

A Província Portuguesa foi a primeira da Companhia de Jesus. Fundada por Inácio em 25 de Outubro de 1546, cinco anos a seguir à sua eleição para Superior Geral, teve como primeiro Provincial o P. Simão Rodrigues, um dos companheiros da primeira hora, presente, como vimos, no grupo que em Montmartre (Paris) fez votos, a 15 de Agosto de 1534. Havia, à morte de Santo Inácio, casas em Lisboa, Coimbra e Évora.



A última Província fundada por Inácio, a 7 de Junho de 1556, menos de dois meses antes de morrer, a Província da Alemanha Superior, teve como primeiro Provincial S. Pedro Canísio.

Depois da morte do Santo Fundador, governou a Companhia o P. Diogo Laínez, um dos primeiros e fiéis companheiros. Seguem-se, até aos nossos



dias, 29 Superiores Gerais, sendo o actual o P. Peter-Hans Kolvenbach, de nacionalidade holandesa, eleito em 13 de Setembro de 1983, e que passou a maior parte da sua vida religiosa no Líbano, onde a guerra, os sucessivos confrontos o levaram a experimentar bem de perto a morte. Aliás, o mesmo sucedeu ao seu antecessor, o basco P. Pedro Arrupe,

que antes de ser eleito Superior Geral, no dia 22 de Maio de 1965, foi durante dezenas de anos missionário no Japão, onde viveu o drama da bomba atômica de Hirochima.

Nos começos de Janeiro de 2008, haverá em Roma a 35ª Congregação Geral, que poderá aceitar o pedido de renúncia do P. Kolvenbach e eleger o seu sucessor, que será o 30º Superior Geral da Companhia de Jesus.

A história da Companhia de Jesus, como aliás a vida do seu fundador, tem sido, muitas vezes, difícil e atribulada. Talvez por culpa própria mas também, sem dúvida, pelo ódio e perseguição de seus inimigos, os Jesuítas têm, ao longo destes 450 anos, vivido situações dolorosas, tendo a Companhia sido suprimida por um Papa, Clemente XIV, em 1773, cedendo a fortes pressões de alguns governos. Mais tarde, quase 40 anos depois desta «morte», foi restaurada por outro Papa, Pio VII, em 1814.

Hoje, cerca de 20 mil jesuítas vivem em 113 países. Tentando ser fiéis ao ideal do seu Fundador, procuram trabalhar «para a maior glória de Deus», para «salvar almas», «buscando o bem mais universal», «ao serviço do Vigário de Cristo, o Romano Pontífice», «sob o estandarte da cruz», empenhados



no serviço da fé e na promoção da justiça. Desde professores em dezenas de Universidades e Colégios, a escritores em revistas e editores de livros; desde missionários no mais recôndito de África ou do Amazonas, à presença solidária com os pobres no Líbano, na Nicarágua ou em El Salvador; desde capelães de cadeias e hospitais, a directores de casas de Exercícios; desde a ajuda a grupos lutadores pela dignidade humana, na defesa dos direitos humanos; desde a acção pastoral de confessor e da direcção espiritual, ao apoio a refugiados na Ásia e na África; desde a vivência clandestina na China comunista, a bispos e pastores dalgumas dioceses do mundo e a tantos outros serviços à Humanidade e à Igreja; estes 20 mil jesuítas, Sacerdotes e Irmãos, procuram manter vivo o espírito do Fundador.

Em Portugal, país, como vimos, onde foi fundada a primeira Província, existem actualmente 174 jesuítas. Destes, 102 são sacerdotes, 33 são Irmãos e 39 são noviços ou estudantes que se preparam para o sacerdócio. Desta Província saíram centenas de missionários jesuítas, ao longo destes cinco séculos, para imensas regiões do mundo.

Começando com Francisco Xavier, pela Índia, Japão, China e todo o Oriente, pelo Brasil e por

África, têm sido muitos os que, dum modo tantas vezes heróico, inspirados pelos Exercícios Espirituais e querendo viver o ideal de Inácio, trabalharam como verdadeiros evangelizadores.

Citemos só alguns que, ao longo da história, se notabilizaram.

Comecemos por S. João de Brito que, nascido em Lisboa, se ofereceu para ir missionar na Índia, onde sofreu atroz martírio e morreu degolado.

E continuemos a odisseia com o punhado dos 40 beatos Mártires do Brasil, chefiados por Inácio de Azevedo, natural do Porto, que morreram assassinados junto às Ilhas Canárias, quando viajavam em caravelas rumo ao Brasil.

E porque não citar o beato Francisco Pacheco, nascido em Ponte de Lima e martirizado no Japão, e o beato João Baptista Machado, nascido na Ilha Terceira, nos Açores, também mártir no Japão em 1617?

E continuemos esta lista de heróis da fé e homens de virtude. O beato Miguel Carvalho, natural de Braga, martirizado em 1623, queimado vivo, no Japão e o beato Diogo Carvalho, nascido em Lisboa e martirizado no Japão em 1624. O Irmão Francisco Aranha, martirizado na Índia, natural de Braga.



Além destes beatos e mártires que já mereceram as honras dos altares, outros jesuítas portugueses se notabilizaram e deixaram nome na história da Igreja, da cultura, da missão, das artes, etc. Desde o P. Manuel da Nóbrega, «fundador» da cidade de S. Paulo, no Brasil, passando por D. Gonçalo da Silveira, missionário na África e mártir no Monomotapa, ao P. António Vieira, escritor insigne e literato da mais alta craveira, ao famoso Bento de

Góis, explorador do Tibete, e ao filósofo Pedro Fonseca, tem havido homens notáveis.

E galgando séculos de história, citemos alguns, quase dos nossos dias. O P. Luís Gonzaga da Fonseca, professor da Universidade Gregoriana de Roma e um dos primeiros historiadores de Fátima; o P. Silva Tavares, fundador da Brotéria, escritor e mestre do pensamento; o P. Sebastião Pinto, o «grande apóstolo do Coração de Cristo», encarregado pelo Episcopado de levar por diante a construção do Monumento a Cristo Rei; o P. Mário Martins, historiador insigne, membro da Academia Portuguesa de História e da Academia das Ciências, e o seu irmão, P. Diamantino Martins, filósofo e autor de vários livros de índole filosófica; o P. João Mendes, literato, professor, escritor e verdadeiro mestre de literatura portuguesa; o P. Júlio Fragata, filósofo e mestre espiritual; e, para finalizar, o «santo» Padre Cruz, conhecido e amado por tantos pela sua santidade, para citar só alguns destes últimos anos.

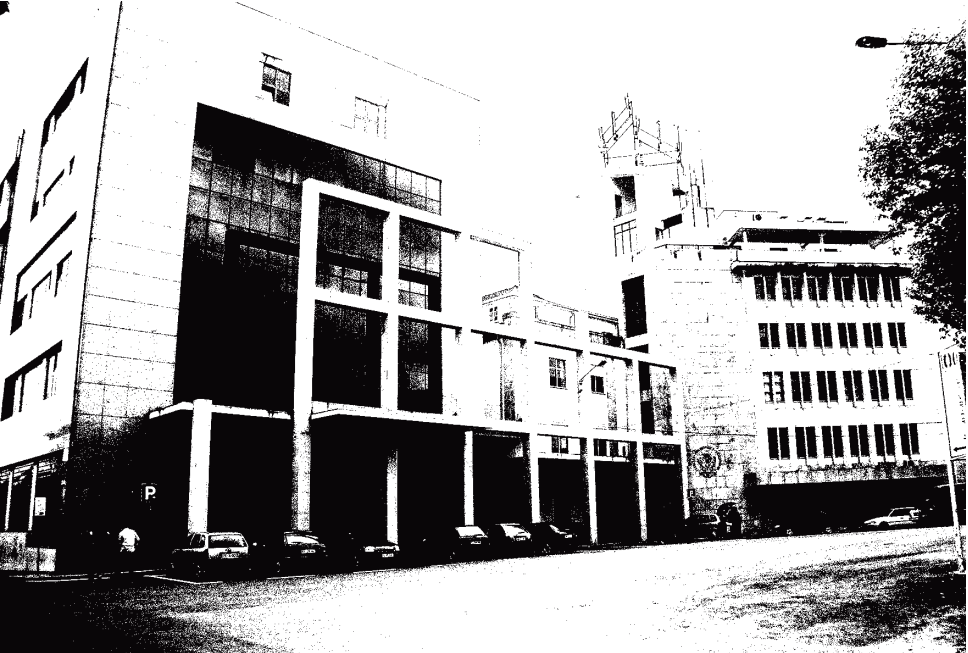
A obra missionária e evangelizadora dos jesuítas portugueses continua por esse mundo fora. Desde o Brasil ao Japão, desde as difíceis circunstâncias dos 2 padres e 1 irmão que trabalham actualmente



em Timor Leste; desde o testemunho dos missionários jesuítas em Angola e Moçambique ao trabalho dedicado dos que evangelizam em Macau, até ao serviço com emigrantes na França, Alemanha e Estados Unidos e ao trabalho com refugiados no Malawi, são actividades em que, fora do nosso «torrão natal», mais de três dezenas de jesuítas portugueses procuram servir actualmente a Igreja e os homens

porventura mais pobres e mais carenciados. E este dom da vida tem sido por vezes heróico, como sucedeu aos padres João de Deus Kantedza e Sílvio Moreira, martirizados em Moçambique no dia 30 de Outubro de 1985, sem falar de muitos outros, Padres e Irmãos, raptados e que sofreram pela fé e promoção da justiça.

E que fazem hoje em Portugal os Jesuítas, os «filhos de Inácio de Loiola»? Dirigem e assistem quatro Casas de Retiros (Rodízio – Praia das Maçãs; Soutelo – Vila Verde; Loreto – Coimbra; Cernache – Condeixa); três Colégios, o de S. João de Brito (Lisboa), com 1833 alunos, no curso diurno e nocturno, o Instituto Nun’Alvares (Santo Tirso), com 2489 alunos, e o da Imaculada Conceição (Cernache), com 733 alunos; orientam a Faculdade de Filosofia (Braga), que faz parte da Universidade Católica Portuguesa, com 493 alunos; quatro Centros Universitários: o Centro Universitário Manuel da Nóbrega – CUMN (Coimbra), o Centro Universitário Padre António Vieira – CUPAV (Lisboa), o Centro Académico de Braga – CAB e o Centro de Reflexão e Encontro Universitário – CREU; o Gabinete de Investigação e Acção Social do ISES (Évora); a Casa de Escritores (Brotéria – Lisboa);



o Secretariado Nacional do Apostolado da Oração e as Editoriais A.O. e A.I. (Braga); cinco Residências de Ministérios Apostólicos (Lapa – Lisboa, Póvoa de Varzim, Covilhã, Porto e Charneca da Caparica); uma Escola de Música anexa ao Colégio Nun'Alvares; onze Paróquias (S. Pedro – Covilhã; S. Francisco de Paula – Lisboa; Lumiar – Lisboa; Mexilhoeira Grande – Algarve; N.<sup>a</sup> Senhora do Amparo – Portimão – Algarve; S. André e St.<sup>a</sup> Maria – Sines – Beja; Melides – Sines – Beja; Charneca da Caparica – Setúbal; Cristo-Rei – Pragal – Setúbal; S. Francisco Xavier de Caparica – Setúbal); as revistas Brotéria e Brotéria Científica (Lisboa); Economia e Sociologia (Évora); Revista Portuguesa de

Filosofia (Braga); Cruzada, Mensageiro do Coração de Jesus, Magnificat, Clarim, Vida em Testemunho (Braga).

Além destas casas e obras, há ainda a assinalar a Cúria Provincial (Lisboa), o Secretariado das Missões (Lisboa), o Noviciado (Coimbra). E é bom não silenciar a acção apostólica de vários jesuítas integrados em obras não jesuíticas, como professores universitários, assistentes de movimentos apostólicos, vigários episcopais, capelães de Hospitais e de Cadeias, capelães de emigrantes, colaboradores na Rádio Renascença e T.V., Directores de Centros Sociais, capelães de casas religiosas, professores e directores espirituais de Seminários, postuladores de causas de beatificação, colaboradores em dezenas de revistas, pregadores populares em paróquias, confessores e directores espirituais, assistentes de grupos de leigos (C.V.X.. Equipas de N.<sup>a</sup> Senhora, Convívios Fraternos, etc.), além das muitas dezenas de Exercícios Espirituais, ao longo de cada ano, às mais diversas pessoas: sacerdotes, religiosos/as, casais, jovens universitários, etc.

E se muitas destas actividades, pelo seu carácter sacerdotal, são levadas por sacerdotes, não é menos importante, ou menos fecundo apostolicamente, o



imenso trabalho levado pelos Irmãos, quer nos seus ofícios de enfermeiros, cozinheiros, encarregados de lavoura, ecónomos, ministros das casas, administradores de revistas, porteiros, carpinteiros, quer nas actividades apostólicas e missionárias, etc. Só com um grupo tão numeroso e eficaz, tão responsável e activo, tão dedicado de Irmãos, se podem levar por diante as variadas Obras da Província Portuguesa.

Que os leitores não estranhem este modo de falar, o calor humano e as palavras elogiosas deste último capítulo. Não é demagogia ou vaidade. É o sentimento interior de profunda gratidão para com Deus que escolheu Inácio para Mestre, Pai e Fundador; é a alegre certeza de que o seu espírito continua vivo no trabalho e no coração de tantos jesuítas; é a gratidão para com a Companhia de Jesus, a quem, depois de Deus, devo o que sou, o que me faz deste modo; é o apreço sincero e amigo pelos mestres que, durante seis anos, me formaram no Colégio de S. João de Brito, quando ainda era adolescente e jovem; é a gratidão pelos formadores, professores, superiores que durante estes vinte e seis anos de vida religiosa, me têm ajudado; é o testemunho dos Padres e Irmãos da Comunidade onde vivo nos últimos catorze anos, que me levam a escrever assim;

são as partilhas fraternas dos jovens jesuítas que tenho acompanhado, que me levam a escrever assim; foi o sentimento alegre de celebrar os 450 anos da aprovação da Companhia e de poder ver a sua vida e actividade, apesar dos nossos pecados, fraquezas e imperfeições, que me leva a escrever deste modo; foi a alegre e festiva partilha com vinte e cinco mil jesuítas a celebrar os 500 anos do nascimento de Santo Inácio que modelou estes pensamentos, e me levou a escrevê-los.

Possam estas páginas ajudar cada um de nós a realizar a prece que Santo Inácio colocou nos Exercícios Espirituais: «EM TUDO AMAR E SERVIR».

## ÍNDICE DAS IMAGENS

Pág. 15

O castelo de Arévalo (séc. XV), residência do tesoureiro-mor Juan Velázquez de Cuellar.

Pág. 16

Muralha de Pamplona.

Pág. 20

S. Pedro aparece a Inácio, no solar de Loiola, quando se encontrava em risco de vida. Pintura flamenga do tempo da canonização, na capela particular do Cardeal Odoardo Farnese, na casa professa construída junto à igreja do «Gesù», em Roma.

Pág. 24

Exterior da casa paterna de Santo Inácio.

Pág. 29

A Virgem Maria aparece a Santo Inácio, durante a sua convalescência. Fresco de Jacques Courtois, no corredor dos quartos de Santo Inácio, em Roma.

Pág. 30

Nossa Senhora de Aránzazu. Escultura em pedra, do séc. XIII.

Pág. 35

Nossa Senhora de Montserrat. Escultura em madeira, de fins do séc. XI.

Pág. 36

Manresa. Santa Cova.

*Em tudo amar e servir*

Pág. 38

Santo Inácio flagelando-se, durante a sua estadia em Manresa. Fresco de A. Pozzo, no corredor dos quartos de Santo Inácio, em Roma.

Pág. 42

Santo Inácio. Pintura de Monserrat Gudiol. Cova de Manresa – Barcelona.

Pág. 45

Jerusalém. Monte das Oliveiras, algumas das quais antiquíssimas. Santo Inácio esteve certamente neste lugar.

Pág. 50

A cidade de Toledo, com o Tejo a bordejá-la.

Pág. 53

Salão nobre da Universidade de Alcalá de Henares, onde Santo Inácio iniciou os seus estudos universitários.

Pág. 59

Paris. Catedral de Notre-Dame (1163-1260).

Pág. 63

Beato Pedro Fabro. Pintura de Bronislaw Podsiadl, S.J.

Pág. 69

Votos de Montmartre.

Pág. 73

Santo Inácio. Pormenor de um quadro do tempo da beatificação. Cúria Geral da Companhia de Jesus, em Roma.

Pág. 78

Estátua de Santo Inácio.

Págs. 82-83

Vista geral do Santuário de Loiola.

## *Índice das imagens*

Pág. 86

Igreja dos Santos João e Paulo. Veneza.

Pág. 90

Algumas das estradas deixados pelos Romanos serviram a Santo Inácio, nas suas andanças por Itália.

Pág. 93

Visão de La Storta. Pintura de Alonso Vázquez. Catedral de Sevilha.

Pág. 96

Santo Inácio entrega ao Papa Paulo III a «Fórmula do Instituto».

Pág. 101

Santo Inácio de Loiola, que se venera na capela da casa onde viveu, integrada, hoje, no Colégio do Gesù, Roma. Pormenor.

Pág. 106

Santo Inácio. Pintura sobre cobre. Província jesuíta da Bélgica Meridional.

Pág. 114

Santo Inácio. Pintura de Rubens.

Pág. 118

Túmulo e altar de Santo Inácio, na igreja do «Gèsu», em Roma.

Pág. 124

S. Francisco Xavier. Pintura de Salaverría Lezo, 1922. Palácio de Navarra (Pamplona).

Pág. 132

Estátua de Santo Inácio, em prata, da autoria de Francisco de Vergara, o Jovem. Basílica de Loiola.

Pág. 137

Página do «Diário Espiritual» de Santo Inácio.

*Em tudo amar e servir*

Pág. 140

Selo de Santo Inácio. Cúria Geral da Companhia de Jesus, Roma.

Págs. 142-143

Bento XVI preside, na basílica de S. Pedro, às celebrações do ano jubilar assinalando os 500 anos do nascimento de S. Francisco Xavier e do Beato Pedro Fabro e os 450 anos da morte de Santo Inácio (2006). Presente, entre outros, o Superior Geral da Companhia de Jesus, P. Peter-Hans Kolvenbach.

Pág. 147

Martírio de S. João de Brito. Colégio da Rainha Santa – Coimbra.

Pág. 149

Beato Miguel Carvalho, mártir no Japão. Óleo sobre tela, pintura do séc. XVIII. Museu Pio XII, Braga.

Pág. 151

Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, dirigida pela Companhia de Jesus. Entre os dois edifícios maiores, vê-se a entrada da sede do Secretariado Nacional do Apostolado da Oração.

## ÍNDICE GERAL

|  |    |
|--|----|
| <i>Apresentação da 2ª edição</i> ..... | 5  |
| <i>Apresentação</i> .....              | 7  |
| <i>Introdução</i> .....                | 11 |
| 1. O homem que cresce .....            | 13 |
| 2. O cavaleiro que se afirma .....     | 17 |
| 3. O cristão que se converte .....     | 23 |
| 4. O coração que se transforma .....   | 31 |
| 5. O penitente que se purifica .....   | 37 |
| 6. O peregrino que caminha .....       | 43 |
| 7. O estudante comprometido .....      | 51 |
| 8. O mestre que se impõe .....         | 57 |
| 9. O fundador que emerge .....         | 65 |
| 10. O livro revolucionário .....       | 71 |
| 11. O regresso à terra natal .....     | 79 |
| 12. O reencontro de amigos .....       | 85 |
| 13. O caminho para Roma .....          | 91 |

*Em tudo amar e servir*

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| 14. A aprovação desejada .....     | 97  |
| 15. O Geral que governa .....      | 103 |
| 16. O apóstolo que incendeia ..... | 111 |
| 17. A morte do «santo» .....       | 119 |
| 18. O amigo dedicado .....         | 125 |
| 19. O Diário Espiritual .....      | 133 |
| 20. A vida continua .....          | 141 |
| <i>Índice de Imagens</i> .....     | 155 |
| <i>Índice Geral</i> .....          | 159 |